



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA

FACULDADE DE ITAITUBA – FAI

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

RAYNÁ PRACHEDES MARQUES

**O AUTISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO
APRENDIZAGEM: Estudo de caso na Escola Municipal de Ensino
Fundamental São Tomé em Itaituba- Pará.**

Itaituba – PA

2020

RAYNÁ PRACHEDES MARQUES

**O AUTISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO
APRENDIZAGEM: Estudo de caso na Escola Municipal de Ensino
Fundamental São Tomé em Itaituba- Pará.**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba. Orientadora:
Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Itaituba - PA

2020

MARQUES. Rayná Prachedes.

O AUTISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO APRENDIZAGEM:
Estudo de caso na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Tomé em
Itaituba- Pará. CLPL da FAI, 2019: CLPL da FAI, 2020.

66fls

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2020.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

I- Autismo. Desenvolvimento. Educação. II cruz. Lucia Maria da Costa.

Faculdade de Itaituba. FAI, Itaituba- BR- Pará/2020

RAYNÁ PRACHEDES MARQUES

**O AUTISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO
APRENDIZAGEM: Estudo de caso na Escola Municipal de Ensino
Fundamental São Tomé em Itaituba- Pará.**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba. Orientadora:
Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Orientadora: _____ **Nota:** _____

Prof.^a. Margaret Ferreira de Aguiar, Esp.

Avaliador: _____ **Nota:** _____

Prof.^a. Raquel Peres Rocha, Ma.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 5 de Março de 2020.

Este trabalho é dedicado em especial ao meu primo que é autista, pois ele é a razão no qual escolhi esse tema. Dedico-lhe esse estudo por todos os desafios encontrados diariamente e pela superação de quaisquer percalços encontrados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ele ter me proporcionado a oportunidade de estar concluindo a minha graduação em Pedagogia.

A minha mãe Francirene Prachedes de Sousa, por ter me apoiado sempre, nunca ter desistido, pois ela é a razão na qual estou concluindo o curso, pois ela sempre incentivou, ajudou-me quando era preciso, então ela tem toda a minha gratidão.

Ao meu pai José Ribamar Marques Alves, por ter me ajudado a alcançar meus objetivos, por me apoiar quando necessário, pois os meus pais foram uma das razões as quais eu tive forças para chegar até o final.

Ao meu irmão Renato Prachedes Marques que mesmo não morando na cidade, torceu para que eu alcançasse meus objetivos. A todos os meus familiares que direta ou indiretamente me ajudaram a chegar até aqui, meu muito abrigada, serei eternamente grata a todos pelo apoio.

Aos meus professores que estavam diariamente comigo durante esses quatro anos de graduação, agradeço imensamente, pois pude adquirir muito conhecimento de cada um de vocês.

A minha orientadora, professora Lúcia Maria, por me acompanhar nessa reta final e ter aceitado ser minha orientadora.

Ao meu primo Pedro Ventura Alves Pelegrini, razão na qual escolhi esse tema, e aos seus familiares, sou grata pela colaboração durante a pesquisa.

A todos que me ajudaram direta e indiretamente, deixo meus agradecimentos por terem feito parte desse momento em minha vida, muito obrigada a todos.

*“Do lado de fora, olhando para dentro,
você nunca poderá entendê-lo. Do lado
de dentro, olhando para fora, você jamais
conseguirá explicá-lo. Isso é autismo. ”*

(Autism Topics)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso aborda sobre a temática referente ao autismo e as consequências do processo de ensino aprendizagem: estudo de caso na EMEF São Tomé, em Itaituba-Pará. O Autismo é um tema que vem sendo bastante comentado ultimamente, pois há cada vez mais pessoas que possuem essa síndrome que estão ingressando nas escolas. Apesar de que muitos profissionais não possuem muito conhecimento a respeito do assunto. Essa pesquisa tem por objetivo averiguar os principais desafios dos professores em relação às crianças com autismo. Além disso, os procedimentos metodológicos utilizados para elaboração desse trabalho foram a realização de uma pesquisa bibliográfica, destacando alguns teóricos que abordam sobre a temática, como: (CUNHA, 2012); (CUNHA, 2015); (ORRÚ, 2012); (FELÍCIO, 2007); (FERREIRA, 2009); (ROTTA, 2007); (SILVA, 2012), entre outros. A pesquisa foi um estudo de caso de abordagem qualitativa, com questionários para as professoras e pais da criança autista, e a mesma ocorreu no mês de fevereiro de 2020. Essas formações visam a melhoria do desenvolvimento dessas crianças que possuem autismo e contribuem para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas. Dessa forma, através da pesquisa, foi possível analisar as dificuldades de aprendizagem que as crianças autistas apresentam e buscar maneiras que possam auxiliar os educadores a reconhecerem uma pessoa que possui o transtorno do espectro autista – TEA, e a desenvolver metodologias para trabalhar em sala de aula com esses indivíduos de forma a contribuir no desenvolvimento deles, mesmo que a aprendizagem deles ocorra de forma lenta e gradativa.

PALAVRAS- CHAVE: Autismo. Desenvolvimento. Educação.

ABSTRACT

This course conclusion paper addresses the theme of autism and the consequences of the teaching-learning process: a case study at EMEF São Tomé, in Itaituba-Pará. Autism is a topic that has been discussed a lot lately, as there are more and more people who have this syndrome who are entering schools. Although many professionals do not have much knowledge on the subject. This research aims to ascertain the main challenges of teachers in relation to children with autism. In addition, the methodological procedures used to prepare this work were to carry out a bibliographic research, highlighting some theorists who address the theme, such as: (CUNHA, 2012); (CUNHA, 2015); (ORRÚ, 2012); (FELÍCIO, 2007); (FERREIRA, 2009); (ROTTA, 2007); (SILVA, 2012), among others. The research was a case study with a qualitative approach, with questionnaires for teachers and parents of the autistic child, and the same occurred in February 2020. These courses aim to improve the development of these children who have autism and contribute to the process teaching and learning of autistic students. Thus, through research, it was possible to analyze the learning difficulties that autistic children present and to seek ways that can help educators to recognize a person who has autism spectrum disorder - ASD, and to develop methodologies for working in the classroom. class with these individuals in order to contribute to their development, even if their learning occurs slowly and gradually.

Keywords: Autism. Development. Education.

LISTA DE SIGLAS

ABA - Análise Do Comportamento Aplicada
AEE - Atendimento Educacional Especializado
CID - Classificação Internacional de Doenças
NEE - Necessidades Educativas Especiais
OMS - Organização Mundial Da Saúde
ONU - Organização Das Nações Unidas
PEP-R - Perfil Psicoeducacional Revisado
PPP - Projeto Político Pedagógico
SEMED - Secretaria Municipal de Educação
TEA - Transtorno Do Espectro Do Autismo
TID - Transtornos Invasivos Do Desenvolvimento
TGD - Transtornos Globais Do Desenvolvimento

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Defina deficiências em ambientes escolares	46
Quadro 02	Fale sobre o autismo	47
Quadro 03	Quais são os principais desafios dos professores com um aluno autista em sala de aula?	48
Quadro 04	Já trabalhou com autista em sala de aula?	49
Quadro 05	Qual é o perfil do aluno autista no contexto escolar?	49
Quadro 06	Quais metodologias trabalhadas são utilizadas para facilitar a inserção deste aluno com NEE?	50
Quadro 07	Quando e como você descobriu que o seu filho era autista?	51
Quadro 08	Você acompanha seu filho na educação escolar?	52
Quadro 09	Como é o comportamento dele em casa?	53
Quadro 10	Você percebe o desenvolvimento educacional do seu filho? Como?..	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. ABORDAGEM SOBRE O AUTISMO NA ESCOLA.....	13
1.2 O AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	16
1.3 PERFIL DA CRIANÇA AUTISTA.....	19
1.4.1 Diagnóstico	22
1.4.2- Tratamento.....	25
2. O AUTISMO E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.	28
2.1 A ESCOLA E A NECESSIDADE DA INCLUSÃO AO ALUNO AUTISTA	28
2.2 DESAFIOS DO PROFESSOR COM O ALUNO AUTISTA	32
2.3 O DOCENTE E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	36
2.4 EXPECTATIVAS DA APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA	39
3. O AUTISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO APRENDIZAGEM: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO TOMÉ EM ITAITUBA- PARÁ.....	43
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	43
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	44
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS.....	45
3.4 ANÁLISE DA PEQUISA COM OS PROFESSORES.....	46
3.4.1 O que dizem os pais	51
3.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	54
CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso com a temática sobre o autismo e as consequências para o ensino aprendizagem na escola municipal de ensino fundamental São Tomé, tem por objetivo analisar os desafios encontradas pelos professores no processo ensino aprendizagem com alunos autistas e propõe uma reflexão sobre esses desafios vivenciados pelos profissionais da educação na escola.

Assim, o autismo é um tema que vem sendo bastante debatido atualmente, devido ao número cada vez maior de pessoas que apresentam esse transtorno estarem ingressando na escola, e dessa forma é essencial conhecer um pouco mais sobre o tema. Nogueira (2007) sobre a temática aborda que o autismo se caracteriza por deficiência no desenvolvimento da linguagem, interação social pobre e interesses e movimentos repetitivos.

Para um melhor embasamento sobre o assunto, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico para embasamento e foi fundamentada basicamente em referências bibliográficas de (CUNHA, 2012); (CUNHA, 2015); (ORRÚ, 2012); (FELÍCIO, 2007); (FERREIRA, 2009); (ROTTA, 2007); (SILVA, 2012), dentre outras, assim, foi realizado um levantamento para que pudesse compreender melhor a temática. Dessa forma, também foi feito uma pesquisa de abordagem qualitativa embasada em autores como (MELLO, 2005); (PRAÇA, 2011); (WHITMAN, 2015), na qual os mesmos esclarecem sobre a pesquisa realizada.

Assim, a estrutura do presente trabalho está composta por três capítulos. O primeiro capítulo aborda sobre o autismo na escola, assim como as características e o perfil que eles possuem, também relata sobre como diagnosticar o autismo e as formas de tratamento.

O segundo capítulo traz um pouco sobre a aprendizagem da criança que tem autismo, a necessidade de inclusão desse aluno na escola, os desafios que o professor enfrenta, as práticas pedagógicas usadas pelo docente, e as expectativas de aprendizagem do aluno autista.

Por sua vez o terceiro capítulo aborda sobre a caracterização da escola na qual foi feita a pesquisa, os procedimentos metodológicos, os perfis dos entrevistados, a análise da pesquisa com as professoras e pais do aluno e finalizando com as propostas contribuintes.

1. ABORDAGEM SOBRE O AUTISMO NA ESCOLA

1.1 DEFININDO O AUTISMO

Atualmente, a escola depara-se com a questão da inclusão educacional e o autismo é um dos problemas que deve ser revisto com um olhar diferenciado, pois há cada vez mais crianças que precisam de atendimento especializado dentro de uma instituição e dessa forma é necessário conhecer sobre o assunto.

O autismo tem no seu espectro incertezas, que na maioria das vezes, dificulta o diagnóstico precoce. Tendo o seu aparecimento, geralmente, nos primeiros anos de vida da criança, sendo ocasionado por fatores genéticos ou alguma outra causa ocorrida durante o período de desenvolvimento de uma pessoa, o mesmo não possui um padrão pré-estabelecido, pois os sintomas variam de acordo com cada indivíduo.

O transtorno autista, faz parte de um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento denominados como Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) ou Transtornos do Espectro do Autismo (TEA).

Assim, o autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo médico austríaco Dr. Leo Kanner e posteriormente em 1944, por Hans Asperger. É um transtorno neurológico caracterizado por algumas alterações presentes desde uma idade bastante precoce.

Orrú (2012), apresenta o estudo do psiquiatra austríaco, Leo Kanner, residente nos Estados Unidos, médico do departamento de psiquiatria infantil do Hospital Johns Hopkins, que publicou, por volta de 1943, o artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Os traços apresentados pelo grupo de crianças observado por Kanner eram, de acordo com Orrú:

Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. (2012, p. 19)

O estudo citado pelo autor descreve os comportamentos de uma criança autista, sobre o isolamento social, as dificuldades de se relacionar com outras

peessoas e que as mesmas seguem um padrão estabelecido, ou seja, uma rotina a ser seguida e as dificuldades encontradas caso essa rotina venha a ser mudada.

Segundo Cunha (2012, p. 20), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”. Dessa forma, as crianças observadas pelo psiquiatra austríaco demonstraram um tipo de isolamento, que parecia que as mesmas estavam presas dentro de si. Por muitos anos acreditou-se que as crianças as quais possuíam autismo era aquelas que vinham de lares com problemas afetivos, pois ainda não era possível encontrar fatores biológicos, que incidissem em testes médicos existentes na época.

Os estudos publicados por Kanner, foram feitos a partir de observações realizadas em crianças que não se encaixavam em nenhuma das classificações que existiam na psiquiatria infantil. Apesar de que em seus artigos, Kanner, não especificar a causa do autismo como uma posição psicodinâmica, ele chegou a cogitar essa hipótese, uma vez que as crianças que foram observadas no seu estudo, evitavam certos contatos afetivos e não possuíam algumas reações sem estímulos.

A partir dos estudos de Kanner, outros pesquisadores começaram a criar novas teorias sobre o que seria especificamente essa síndrome, observando pessoas que possuíam autismo, e formulando novos conceitos. Um desses pesquisadores foi o médico Hans Asperger, que um ano depois do trabalho publicado por Kanner, em 1944 divulga sua pesquisa intitulada “Psicopatologia autística na infância”.

Asperger não atribui o autismo como de natureza psicodinâmica, e sim como um fator biológico, totalmente genético. Apesar disso, seus estudos permaneceram desconhecidos, até ser descoberto por Lorna Wing que comparou as pesquisas que ele havia feito com crianças que apresentavam a síndrome, com os estudos que estavam sendo feitos nos Estados Unidos e Inglaterra.

Silva (2012), salienta esta nova perspectiva sobre o autismo como sendo de fatores originadores e de desenvolvimento, respaldados nas neurociências, cujo estudo tem demonstrado:

Que indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades na área cognitiva de funções executivas. Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema. (p. 41)

Sabe-se que o autista tem dificuldade de adaptação, pois ele não está acostumado a sair de sua zona de conforto, toda vez que isso acontecer, vai ter a rejeição deles, mas se houver uma certa insistência, com o tempo ele pode tornar-se mais sociável aos lugares e as pessoas, e assim enfrentar aos poucos as barreiras que ele encontra diariamente para se adaptar ao convívio social.

Orrú (2012) ressalta que os autistas são mal compreendidos pela sociedade, devido à falta de conhecimento que as pessoas possuem sobre o assunto, porque atualmente, a sociedade não quer inteirar-se acerca do tema, criando uma visão totalmente diferente do que realmente acontece, isso ocorre devido à falta de informação sobre o autismo. Dessa forma a autora afirma que:

[...] quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, tem movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo, e chegam até dizer que são perigosos e precisam ser trancados em uma instituição para deficientes mentais. São falas que revelam desinformação a respeito dessa síndrome (2012, p. 37).

Isso acontece devido a vários fatores, a falta de informação sendo o ponto crucial, pois como as pessoas não tem interesse sobre o assunto, tornam-se leigas e acabam pensando o que não deve, e expressam esses pensamentos de forma errônea, causando constrangimentos para os familiares das pessoas autistas, e até mesmo para aqueles que estão como espectadores.

Quando os primeiros casos de pessoas que possuíam o transtorno do espectro autista surgiram, as informações eram escassas, não tinha uma causa específica, ou um fator que apontasse como surgiu essa síndrome, pois a falta de informação sobre o assunto era grande, mas atualmente, o tema já é conhecido por muitos estudiosos das diversas áreas que abrangem esse assunto.

Assim, pode-se dizer que o conhecimento acerca do autismo evoluiu com o passar dos anos, desde que foi descrito por Kanner, em 1943, pois durante esse período diversos estudiosos puderam aprofundar seus estudos, e Orrú (2012, p. 21) descreve o autismo atualmente como: “Uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio de desenvolvimento [...], é uma disfunção orgânica e não um problema dos pais [...] e é de origem biológica”.

Dessa forma, o autor acima ressalta o que Asperger acreditava sobre a causa do autismo como sendo de fator genético e não psicodinâmico, que se originou a

partir de algum problema no DNA dos pais, e que de alguma forma, foi repassado para a criança hereditariamente.

Em dezembro de 2007, a Organização das Nações Unidas, decretou o dia 2 de abril como Dia Mundial da Conscientização do Autismo, tendo a celebração dessa data no ano seguinte, em 2008, marcando assim o começo de uma jornada que já tinha sido iniciada com as primeiras descobertas de Kanner em 1943. E desde 2011 que o Cristo Redentor, localizado no Rio de Janeiro, vem sendo iluminado por luzes azuis, devido a essa data de conscientização.

1.2 O AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Ao falar à cerca da inclusão da criança com transtorno de aspecto autista – TEA - na escola, deve-se ressaltar algumas das principais características apresentadas por pessoas diagnosticadas com essa síndrome, uma vez que eles apresentam dificuldades em vários graus, seja na comunicação, ou na relação interpessoal com outras pessoas, sendo que a pessoa com TEA, não necessariamente apresentará esses aspectos com a mesma intensidade.

Assim as características mais marcantes apresentadas por crianças autistas é o déficit de comunicação e linguagem, pois os mesmos possuem dificuldade de se comunicar e o seu desenvolvimento é mais tardio que o de outras crianças que não possuem essa síndrome.

Outra característica que está relacionada com as pessoas autistas é a dificuldade de conviver em sociedade, pois eles são mais retraídos, gostam de estar em locais já familiarizado por eles. Dessa forma, pode-se dizer que não apenas os autistas em situação de maior comprometimento apresentam problemas em sua comunicação, esta parece ser uma característica presente nas crianças e jovens com esse diagnóstico em todos os níveis (ORRÚ, 2012, p. 39).

Como já citado anteriormente, a dificuldade de se relacionar é uma característica que acompanha o autista, não importando o grau que eles possuam no seu diagnóstico, seja severo, moderado ou leve, pois simplesmente é uma particularidade deles. A partir disso Passerino ressaltar que:

Esse déficit na simbolização, afeta a comunicação, pois há necessidade de um uso ativo de símbolos para representação, especialmente quando se trata de situações que envolvem elementos mais abstratos como sentimentos, emoções, entre outros (2012, p. 227).

Devido a essa dificuldade de interação social, eles podem apresentar o desenvolvimento tardio da fala, o que dificulta o aprendizado deles, algumas pessoas autistas, podem apresentar apego a coisas físicas, como a um objeto, ou algum outro interesse específico por algo, vai depender de cada pessoa e da particularidade que ela vai apresentar.

Aconselha-se que para um melhor desenvolvimento intelectual da criança com transtorno do espectro autista, os mesmos devem ser instruídos a fazerem associação das palavras com quaisquer objetos, animais, ou frutas existentes, para assim eles conseguirem relacionar esses itens acima, com as palavras que eles irão aprender.

Esse método pode ser usado não somente em crianças que possuem o TEA, mas também naquelas que estão iniciando a educação infantil, pois é uma forma de aprender de acordo com itens já presentes no cotidiano deles, facilitando assim o entendimento para ambas as pessoas, tanto as que possuem alguma síndrome, como as que não tem alguma dificuldade intelectual. Dessa forma:

“[...]É também comum se observar crianças autistas fascinadas por certos estímulos visuais, como luzes piscando e reflexos de espelho bem como tendo certas aversões ou preferências por gostos, cheiros e texturas específicas [...]” (SILVA; MULICK, 2009, p.120).

Algumas crianças autistas, possuem fascinação por movimentos repetitivos, luzes que chamem sua atenção e por coisas rotativas, como rodas de brinquedos, ventiladores, isso varia de cada um, mas geralmente essas características são atribuídas a maioria das pessoas que possuem o TEA.

Em outros casos, acontece a aversão a sons muito agudos, que os incomodem, pois isso acaba tirando a concentração deles para o que esteja sendo feito naquele momento, a partir disso é notório a preferência por lugares calmos e que o ambiente já seja familiar, para assim evitar desconfortos com os locais que são frequentados pelos autistas.

Todavia, a melhor forma de fazer uma pessoa com espectro autista se sentir confortável com o ambiente, é deixa-lo em um local com o menor barulho possível, pois os sons causam incômodos, principalmente em lugares em que o eco é maior, então evitar esses sons é a primeira coisa que o autista irá fazer.

O que todos devem ter em mente é que nenhum autista é igual ao outro, todos possuem suas particularidades, e não importa o grau que eles apresentem,

mas o que eles podem fazer com o acompanhamento certo, buscando sempre informações sobre o assunto e a melhor forma de continuar no desenvolvimento deles, pois:

Hoje, sabe-se que o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, que é definido de um ponto de vista comportamental, que apresenta etiologias múltiplas e que se caracteriza por graus variados de gravidade (ROTTA, 2007, p. 423).

Dessa forma, as características apresentadas por um autista não devem ser motivo para desistir daquela criança, mas buscar formas de fazê-la se desenvolver na medida do possível, observando as conquistas que aos poucos serão alcançadas, e superando os desafios encontrados diariamente, procurando maneiras de ajudar a pessoa que possui TEA a conviver em sociedade da melhor forma possível, mas sempre respeitando o tempo deles.

Sabe-se que quem possui o TEA, não pode ser forçado a fazer algo que ele não queira, pois eles apenas realizam suas tarefas diárias no tempo deles, e caso o autista seja forçado, o mesmo pode ficar irritando, causando assim diversos transtornos durante esse tempo, como agitação e assim podem machucar-se, então a melhor forma para que isso não aconteça, é evitar.

Deve-se prestar atenção também se a criança mantém contato visual direto com outras pessoas, pois essa é uma característica que o autista não possui, porque quem possui o transtorno autístico não gosta de manter esse contato, eles só prestam atenção em outros indivíduos quando eles querem, e caso eles façam esse contato visual, ele não será mantido por muito tempo.

Como já falado, a pessoa com TEA, prefere o isolamento social, evitando contato direto com outros, então ele está sempre buscando formas de evitar que haja quaisquer interações com outras pessoas, principalmente aqueles que não fazem parte do convívio diário do autista. Dessa forma, O CID-10, sob o código F84, classifica o autismo não mais como um transtorno global, mas como um transtorno invasivo do desenvolvimento, no qual:

Esse grupo de transtornos é caracterizado por anormalidades qualitativas em interações sociais recíprocas e em padrões de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Essas anormalidades qualitativas são um aspecto invasivo do funcionamento do indivíduo em todas as situações, embora possam variar em grau. Na maioria dos casos, o desenvolvimento é anormal desde a infância e, com apenas poucas exceções, as condições se manifestam nos primeiros 5 anos de vida. (OMS, 1993, p. 246-247)

O CID-10 trazia consigo vários diagnósticos dentro dos transtornos Globais do desenvolvimento (TGD), incluindo o autismo, descrevendo assim as principais características do autista, mas atualmente, o transtorno do espectro autista consta na classificação do CID-11, essa mudança foi feita pela OMS, organização mundial da saúde.

1.3 PERFIL DA CRIANÇA AUTISTA

Cada criança que possui o transtorno do espectro autista, apresenta um perfil próprio, pois apesar das características que irão identificar se a pessoa possui essa síndrome, eles têm sua própria particularidade, pois cada autista é único, com sua própria maneira de agir, e com suas preferências.

O déficit de comunicação, interação social e comportamental, são os mais presentes no perfil do autista, e ele varia em grau de acordo com cada indivíduo. Cunha (2015, p. 23) ressalta ainda que: pode-se compreender que “o uso atual da nomenclatura Transtorno do Espectro Autista possibilita a abrangência de distintos níveis do transtorno, classificando-os de leve, moderado e severo”.

Esses níveis variam de acordo com cada pessoa, pois como é frisado por diferentes autores, não existe um autista igual, as vezes eles diferem-se uns dos outros por pequenas ações ou comportamentos, e essa classificação vai depender do diagnóstico que vai ser entregue a família quando for descoberto sobre o autismo. Sendo assim:

Pessoas com autismo apresentam muitas dificuldades na socialização, com variados níveis de gravidade. Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. Estas últimas apresentam apenas traços do autismo, porém não fecham diagnóstico. (SILVA, 2012, p. 22)

Dessa forma, o autor ressalta o que é mais frisado a respeito do TEA, que o isolamento social está associado diretamente ao perfil do autista, pois essa é a característica mais comum apresentada por eles, a dificuldade de socialização, pois não é fácil sair do transe que é a mente deles para interagir com outras pessoas, e para isso acontecer deve ser feita toda uma preparação.

Não adianta pegar um autista e colocar ele num lugar diferente e rodeado de indivíduos desconhecidos, pois a primeira coisa feita por eles é isolar-se na sua mente, tentar fugir da realidade que ele foi colocado, porque para inserir esse autista deve-se primeiramente, leva-lo a conhecer lugares que sejam mais calmos, para eles irem se acostumando com locais diferentes dos quais o mesmo está familiarizado.

Após esse reconhecimento dos lugares, tentar aos poucos inserir esse autista na sociedade, para que ele possa interagir, mesmo que da sua maneira com outras pessoas, tendo em mente, que o mesmo não vai assim que chegar a um local diferente sair para brincar com outras crianças por exemplo, ele vai conhecer primeiramente o local e familiarizar-se.

De acordo com Silva (2012), o autista não consegue unificar o mundo percebido como um todo, mas sim o mundo em pedaços. A partir dessa percepção desse mundo fragmentado que o autor cita, compreende-se a necessidade da uniformidade e rotina apresentadas por eles, juntamente com a necessidade de manter interesses restritos, limitados e comportamentos repetitivos.

Esses movimentos repetitivos são comuns no perfil das pessoas com TEA, mesmo sendo ações involuntárias relacionadas tanto a partes do corpo, como também ela pode se estender a objetos na qual a atenção do indivíduo autista esteja repousada durante a manifestação do comportamento, a partir desse pensamento Silva (2012), discorre que:

Os comportamentos motores estereotipados e repetitivos, como pular, balançar o corpo e/ou as mãos, bater palmas, agitar ou torcer os dedos e fazer caretas, são sempre realizados da mesma maneira e alguns pais até relatam que observam algumas manias na criança que desenvolve tais comportamentos. [...] os comportamentos disruptivos cognitivos, tais como compulsões, rituais e rotinas, insistência, mesmice e interesses circunscritos que são caracterizados por uma aderência rígida a alguma regra ou necessidade de ter as coisas somente por tê-las. (p. 39-40)

Esse comportamento estereotipado citado pelo autor faz parte do dia-a-dia do autista, devendo ser respeitado para que não prejudique o mesmo e assim o seu desenvolvimento ocorra da forma mais amena possível, respeitando sempre os limites impostos pela pessoa com TEA, para que não aconteça alterações abruptas no cotidiano deles.

É comum que essa observação do comportamento das crianças seja feita pelos familiares mais próximos, aqueles que acompanhem a rotina do indivíduo com

transtorno do espectro autista, porque geralmente esse primeiro contato é realizado pelos pais, pois são eles que conseguem distinguir algum comportamento diferenciado de seus filhos, seja por movimentos repetitivos, ou um padrão estabelecido.

Os indivíduos com transtorno do espectro autista são mais agitados, e esses movimentos repetitivos é característico do perfil deles, dessa forma, não tem como mudar isso, eles gostam de seguir essa rotina, de manter os movimentos estereotipados típicos deles e tentar mudar isso pode afeta-los, pois, o autista não é receptivo a mudanças. Assim:

O mundo exterior é estimulador para o aprendizado. Por intermédio das suas relações exteriores, a criança aprende os nomes dos objetos, podendo ela utilizá-los de forma funcional ou simbolizar brincadeiras. A informação torna-se conhecimento. Entretanto, no autismo, sua interação social é prejudicada, esses conhecimentos não são descortinados e os objetos passam a ter função apenas sensoriais, com pouca contribuição cognitiva; a criança passa a ter dificuldade para simbolizar, nomear, e por conseguinte, passa a ter prejuízos na linguagem. A inteligência não depende somente do que foi herdado, mas soma-se ao indivíduo o que ele adquire nas suas relações com o mundo exterior. (CUNHA, 2012, p. 28)

Dessa forma, como citado pelo autor, as informações que são passadas pelo mundo exterior ajudam no desenvolvimento das crianças, faz com que as mesmas conheçam os objetos e saibam o significado deles a partir da imagem que é mostrada, mas com o autista isso já acontece de forma diferente, pois o aprendizado deles é diferenciado.

Não basta apenas a pessoa com transtorno do espectro autista conhecer algum objeto por exemplo, porque isso não irá significar nada para o mesmo. O ideal seria encontrar formas de transmitir o significado daquele objeto específico, pois, o perfil de um autista difere-se do de alguém que não possui o TEA.

Também deve-se levar em conta que o conhecimento de uma pessoa com transtorno do espectro autista vai ocorrer de maneira diferente de uma criança que não tem nenhuma dificuldade no seu desenvolvimento, pois o mesmo se dará de forma lenta, e diversas dificuldades serão encontradas durante esse processo diariamente.

Reforçando o argumento apresentado podemos dizer que, no autismo, “nem todos são iguais e nem todos têm as mesmas características. Uns podem ser mais atentos, uns mais intelectuais e outros mais sociáveis, e assim por diante” (FERREIRA, 2009, p. 15).

A partir disso o que mais difere o perfil de uma pessoa com transtorno do espectro autista, é as particularidades apresentadas por cada pessoa, e através disso trabalhar essas diferenças para que elas possam ajudar no desenvolvimento intelectual desses indivíduos.

1.4 AUTISMO

1.4.1 Diagnóstico

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento, manifestando-se geralmente, antes dos 3 anos de idade, e prolonga por toda a vida. Segundo a organização das Nações Unidas (ONU), por volta de 70 milhões de pessoas possuem essa síndrome, sendo que com crianças é mais comum que algumas doenças como câncer, aids e diabetes.

O TEA é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação, interação social e repetição de movimentos, não possui uma cura, mas caso o diagnóstico seja detectado cedo, pode haver mais chances de suavizar os sintomas.

O Transtorno do espectro autista tem sua origem ainda nos primeiros anos de vida da criança. Em alguns casos os sintomas podem aparecer logo depois do nascimento, apesar desse acontecimento ser mais difícil, porque é mais comum a manifestação das características do autista aparecer a partir dos 12 e 24 meses após o nascimento da criança.

Como as informações sobre o assunto eram poucas, e não muito conhecidas pelos estudiosos das diversas áreas que abrangem o tema, o diagnóstico desse transtorno autístico, tornou-se mais difícil de ser realizado, devido ao pouco conhecimento acerca do assunto, dessa forma, podemos dizer que:

É possível que simplesmente sempre existiram várias crianças com autismo e não eram diagnosticadas; agora com o maior número de profissionais lidando com a saúde infantil e com melhores informações a respeito, propiciou-se maior possibilidades de diagnósticos. (ASSENCIO-FERREIRA, 2005, p. 102)

Assim como citado pelo autor, pode-se até ter existido diversas crianças autistas por volta da década de 1940, época que o estudo sobre o tema passou a ser aprofundado por diversos pesquisadores, mas como os recursos eram poucos,

eles não eram diagnosticados corretamente, mas com o avanço das pesquisas, podemos afirmar que atualmente as soluções oferecidas pelos profissionais são consideradas mais satisfatórias.

O diagnóstico tardio da pessoa com TEA, pode causar atrasos no desenvolvimento global, e esses atrasos podem ser observados primeiramente pela família, pois são eles que convivem diariamente com a criança, podendo identificar as dificuldades apresentadas na pronúncia das palavras logo no primeiro ano de vida da criança, pois é quando eles começam a desenvolver a fala.

Os pais dos indivíduos com TEA geralmente são os primeiros a identificar alguma coisa diferente no seu filho, e a partir dessa primeira observação eles devem procurar auxílio de profissionais que possam fazer um diagnóstico mais específico dessas crianças, e confirmar assim se a suspeita que os pais possuem é verdadeira.

Para diagnosticar uma pessoa que possui o transtorno do espectro autista, faz-se necessário uma equipe multifuncional, os quais estejam aptos a fornecer esse diagnóstico, mas esse processo acaba se tornando uma tarefa difícil porque o TEA não possui um exame clínico, como o de sangue que possa ser feito para ter um resultado específico. Dessa forma podemos dizer que:

Para identificar os critérios diagnósticos para o autismo é preciso possuir experiência e especialização, pois eles apresentam um alto grau de especificidade e sensibilidade em grupos de diversas faixas etárias e entre indivíduos com habilidades cognitivas e de linguagem variadas (PETERSEN & WAINER, 2011, p. 87).

Porque para fazer um diagnóstico desse porte, não pode ser realizado de qualquer jeito, tem todo um processo que deve ser seguido, pois sabemos que para um especialista repassar um laudo especificando que uma pessoa possui algum tipo de transtorno de desenvolvimento, primeiramente ele tem que está apto a emitir esse laudo, e deve possuir certa experiência sobre o assunto.

Esse processo acaba se tornando de certa forma complexo, pois ele possui várias etapas que devem ser seguidas. A primeira delas é a verificação de alguma anormalidade percebida pelos pais, pois são eles que tem o primeiro contato com essas crianças e partir disso, deve ser feito o encaminhamento para um médico especialista.

Quanto mais cedo esse encaminhamento for realizado, melhor será para ajudar no desenvolvimento dessas pessoas, e a partir disso, os profissionais da área da saúde devem ser requisitados para a avaliação dessas crianças juntamente com

uma equipe multifuncional, e começar a fazer o acompanhamento para verificar se esses indivíduos possuem alguma característica que possa ser enquadrar dentro do transtorno do espectro autista. Assim:

A avaliação diagnóstica de crianças com suspeita de autismo deve compreender uma observação dos comportamentos desviantes em comparação com aqueles presentes no curso normal do desenvolvimento infantil, em especial nas dimensões de orientação e comunicação social, e não ser apenas uma checagem da presença ou ausência de sintomas (PETERSEN & WAINER, 2011, p. 87).

Então essa avaliação deve ser feita por meio do acompanhamento dessas crianças, observando qualquer comportamento diferenciado que elas venham apresentar, e que não estejam presentes no desenvolvimento infantil das pessoas que não possuem algum tipo de transtorno de desenvolvimento.

Esse diagnóstico será realizado primeiramente através das características apresentados por pessoas que não possuem algum transtorno, pois é a partir do desenvolvimento infantil dessas crianças que irá começar todo esse processo de observação, para conseguir um diagnóstico.

A partir dessa avaliação serão comparados os dados obtidos tanto nas crianças que possuem algum transtorno de desenvolvimento no caso do TEA, que é o estudo no qual está sendo abordado, como aquelas que não possuem. Assim, podemos dizer que:

Para as crianças com autismo, o diagnóstico precoce é de fundamental importância. Por isso, os pediatras precisam observá-las com muito critério desde o nascimento e, a qualquer alteração notada, devem encaminhá-las a um especialista mesmo que não tenham certeza do diagnóstico. No caso do autismo, é melhor pecar por excesso do que por negligência: isso pode mudar o rumo de uma vida. (SILVA, 2012, p.137)

Dessa forma, como Silva relata, é fundamental o diagnóstico precoce do autismo, uma vez que isso ajudará no desenvolvimento dessas pessoas, pois, uma vez que as mesmas tiverem um acompanhamento especializado desde a infância, as chances dessa criança conseguir se desenvolver intelectualmente, será quase no mesmo nível das pessoas que não possuem o TEA.

Assim, quanto mais cedo o indivíduo com TEA, conseguir um acompanhamento especializado, que só será liberado por meio de um diagnóstico concreto, melhor será para o autista, pois é mais viável ele ser acompanhado por

diversos profissionais que estejam aptos a auxiliá-lo, do que não possuir qualquer tipo de acompanhamento.

1.4.2- Tratamento

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento que afeta a comunicação, linguagem e interação social das pessoas, que se manifesta a partir dos primeiros anos de vida da criança, não possuindo uma cura, mas caso o diagnóstico seja realizado cedo, pode ajudar no desenvolvimento do indivíduo de forma positiva.

Assim, pode-se dizer que o transtorno do espectro autista, apesar de não ter uma cura conhecida, possui tratamentos que amenizam os sintomas dessa síndrome e o mesmo pode ser iniciado logo após a confirmação do diagnóstico que é realizado por uma equipe multifuncional.

O autismo se enquadra dentro do TGD, que é um transtorno global de desenvolvimento, e o tratamento é feito através de terapias e acompanhamentos por profissionais capacitados que possam ajudar quem possui o TEA a se desenvolver da melhor forma possível.

Dessa forma, o tratamento mais indicado é por meio de terapias comportamentais, educacionais e familiares, pois são elas que irão ajudar na interação dos autistas com outras pessoas, facilitando a comunicação entre eles, pois dependendo do grau que ele possua, essa interação pode ser tornar difícil.

A terapia mais indicada para crianças com transtorno do desenvolvimento é a terapia comportamental. Uma das técnicas utilizadas nesta abordagem psicoterápica é a Análise Aplicada do Comportamento (ABA), método empregado em diversos países e embasado por pesquisas científicas que comprovam sua eficácia. (SILVA, 2012, p. 151)

A ABA ficou conhecida no Brasil, porque foi adaptada para ajudar crianças que possuem autismo, e consiste em entender o comportamento humano, pois sabe-se que o TEA é bastante complexo de se entender, porque nenhuma pessoa com esse transtorno será igual a outra.

Segundo Laznik (2004, p. 30), melhores resultados clínicos são alcançados quando o tratamento é iniciado antes dos três anos, idade na qual se pode fazer um diagnóstico definitivo, porque vai ser nesse período que a criança apresentará algum indicio que possa afirmar se ela possui o TEA, ou não.

Por essa razão, os pais devem sempre se atentar a quaisquer sinais que possam indicar alguma alteração no comportamento dos seus filhos, pois o tratamento precoce do autismo pode ajudar na interação dessas pessoas na sociedade, pois sabe que é bastante dificultoso a permanência de indivíduos com TEA, em ambientes estranhos.

Alguns profissionais devem ser citados acerca do tratamento do autismo como fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, neurologistas, psiquiatras e pediatras, pois são eles que devem fazer parte do cotidiano do autista para que o mesmo possa ter um acompanhamento adequado.

Em alguns casos de pessoas que possuem o grau do autismo mais severo, apenas o tratamento por meio de terapia não é eficaz, assim, deve-se ter também o tratamento medicamentoso, realizado apenas em situações mais extremas, e a conciliação desses dois métodos será essencial para o autista, pois:

Não existe ainda uma medicação que trate todos os sintomas do autismo. As dificuldades sociais e de comunicação não são alcançadas diretamente com o uso de fármacos. Mas outros sintomas também presentes no espectro do autismo, tais como comportamentos repetitivos, estereotipias, desatenção, irritabilidade, hiperatividade, impulsividade, alterações no sono, apresentam melhoras com o tratamento medicamentoso. Isso ajuda indiretamente nas disfunções sociais e da linguagem, pois possibilita que essas pessoas fiquem mais tranquilas e focadas para compartilhar momentos. (SILVA, 2012, p.155)

Um dos medicamentos mais utilizados no tratamento do TEA é a risperidona, pois a mesma age como antagonista dos receptores da dopamina e serotonina, neurotransmissores associados a diversas funções no cérebro, incluindo a regulação da ansiedade e comportamentos agressivos, comportamento no qual algumas pessoas com autismo apresentam.

Esses medicamentos podem auxiliar a controlar alguns dos sintomas mais graves do transtorno do espectro autista, mas eles devem ser receitados apenas pelo médico que acompanha a criança, pois seu uso é controlado e requer uma série de informações para poder ser repassado.

Porque quem faz o tratamento com a ajuda de remédios para poder amenizar alguns sintomas, deve ter em mente que a venda desses medicamentos é feita apenas por meio de receitas prescritas pelo médico, e deve estar em posse dos seus documentos, uma vez que essa medicação não pode ser repassada para qualquer pessoa.

Então as famílias devem atentar-se aos principais meios de tratamento para o autismo, pois se sabe que nunca é fácil ter uma criança que possui qualquer tipo de transtorno, o ideal é buscar formas de ajudar essas pessoas a encontrarem as melhores formas de tratamento, porque com o diagnóstico precoce, pode-se suavizar os sintomas que caso não sejam acompanhados, irão se agravar durante a vida do indivíduo.

2. O AUTISMO E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.

2.1 A ESCOLA E A NECESSIDADE DA INCLUSÃO AO ALUNO AUTISTA

Quando se fala em inclusão de alunos que possuem algum tipo de transtorno de desenvolvimento, como o autismo, sabe-se que é um tema bastante difícil de ser debatido, pois a inclusão deve estar presente na sociedade, apesar de que algumas pessoas não sigam esse conceito.

O autismo é um transtorno do desenvolvimento global, caracterizado por dificuldades na fala, comunicação e linguagem de pessoas que possuem esse diagnóstico, não possui cura, mas que se diagnosticado cedo, o tratamento precoce pode ajudar a amenizar os sintomas que o TEA venha a apresentar.

A inserção na escola de pessoas que possuem algum transtorno tanto físico como intelectual deve ser visto como normal, pois eles como quaisquer pessoas possuem seus direitos, os quais devem ser respeitados, uma vez que essas crianças estão resguardadas por leis que as possibilitem o direito a educação.

Com a criança autista não é diferente, uma vez que eles possuem direito a educação como qualquer outra pessoa, independente do grau que eles venham a possuir. O direito a uma pessoa que acompanhe o autista em sala de aula é essencial, porque algumas dessas crianças que possuem um grau severo do TEA, não conseguem realizar suas atividades sozinhas, necessitando de alguém que os auxiliem durante esse período que estão na escola.

O aluno com transtorno do espectro autista, apesar de possuir limitações, devem ser ensinados com metodologias que os façam entender o que é repassado pelo professor, pois apesar das dificuldades que serão encontradas durante esse período escolar, eles irão conseguir assimilar pelo menos uma parcela do que é ensinado para eles. Assim, pode-se dizer que:

O aluno aprende. O aluno com o transtorno do espectro autista aprende. Essas são as primeiras ideias que queremos enfatizar neste pequeno texto. A aprendizagem é característica do ser humano. O ensino e aprendizagem são dois movimentos que se ligam na construção do conhecimento. É uma construção dialógica e não interpretativa; expressão imanente da nossa humanidade, que abarca também o aprendente com autismo (CUNHA, 2016, p. 15).

O aluno com autismo aprende, não igual aos demais colegas de classe, mas ele vai compreender um pouco do que lhe é repassado, por isso que a criança deve estar inserida na escola, porque será uma junção do conhecimento que eles já possuem de casa, com ensinamentos que serão repassados na escola.

Qualquer criança antes mesmo de ingressar na escola já possui algum conhecimento que foi transmitido pelos pais, dessa forma, eles já entrarão na escola com algo em mente, e com a pessoa com TEA não é diferente, pois os familiares já terão repassado algum tipo de conhecimento para eles.

Para saber se tem algum aluno que possua o transtorno do espectro autista em sala de aula, é necessário a realização de um diagnóstico de todos os alunos no início de todo ano letivo, sendo que através do resultado obtido poderá ser detectado alguma particularidade que a criança venha a apresentar.

Para a inclusão das crianças com autismo na escola acontecer, o professor deve fazer todo um planejamento, primeiro ele deve conhecer sobre o transtorno que seu aluno possui o máximo que ele puder, pois assim ele irá compreender melhor o aluno na sala de aula, e dessa forma, tentará trabalhar com essa criança da melhor forma possível. Por meio disso, pode-se dizer que:

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo, assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade. (CHIOTE, 2013, p. 21)

Inclusão não é apenas colocar uma criança em um ambiente desconhecido e deixar que ela fique em algum canto da sua escolha, mas fazer com que a mesma interaja com os outros colegas, inserir essa criança nas brincadeiras e atividades que serão repassadas para elas é essencial para o seu desenvolvimento.

Incluir crianças com autismo não é para ser diferente, porque eles devem participar de todas as atividades juntamente com os demais colegas de classe, mesmo que para isso acontecer o professor tenha que estar sempre acompanhando o aluno com TEA, porque se não o mesmo não irá realizar as tarefas que lhes são repassadas.

Assim, torna-se essencial a presença de um professor itinerante, pois o mesmo estará sempre acompanhando a pessoa que possui o TEA, principalmente aqueles que não possuem a capacidade de fazer suas necessidades e atividades

sozinhos. Essas crianças geralmente são aquelas que possuem o grau de autismo severo, pois o comprometimento mental deles é maior.

O ensino aprendizagem dessas crianças será mais difícil, mas não impossível de acontecer, uma vez que a forma de aprendizado deles será de forma tardia e lenta, mas com insistência da parte dos professores e demais profissionais que acompanha as pessoas com TEA, eles irão aos poucos compreendendo o que vai ser repassado.

Em uma sala de aula o professor titular possui uma turma com vários alunos, e todas essas crianças precisam do acompanhamento desse profissional, alguns de forma mais presente do que outros, que no caso seria os que possuem mais dificuldade de aprendizagem.

Sabe-se que em qualquer sala de aula sempre terá crianças mais envolvidas que outras e que o acompanhamento desses alunos, não será tão puxado como por exemplo daqueles que não conseguem acompanhar os demais colegas de classe.

As crianças com TEA severo, são as que precisam de maior atenção por parte dos professores, pois sabe que as dificuldades apresentadas por eles são maiores, principalmente porque os mesmos possuem problemas de socialização, uma característica bastante presente nas pessoas diagnosticadas com autismo.

Esse problema de socialização das pessoas com TEA pode dificultar bastante a inclusão dessas crianças na escola, pois como eles não gostam de interagir com outros, isso pode dificultar esse processo de interação, assim cabe aos professores incluírem essas crianças aos demais.

Os professores podem fazer isso através de planejamentos que possam incluir todos na sala de aula, por meio de dinâmicas, que ajudem nessa interação, dessa forma devemos levar em conta uma série de fatores para que a inclusão dos indivíduos com TEA aconteça. Assim, Cunha relata que:

Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão. Será infrutífero para o educador aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógica se não conseguir incluir o aluno. (2012, p. 101)

O papel do professor é essencial na inclusão dos alunos dentro da sala de aula, pois ele como transmissor de conhecimento, é o responsável por fazer essa mediação dentro do seu ambiente de trabalho, e Silva (2012, p. 79) fala que “O

professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área. ”

Como o autor relata, não se faz necessário ser um especialista para compreender um autista, basta ele conhecer um pouco sobre o assunto para poder entender a peculiaridades que eles apresentam, e a partir desse primeiro conhecimento realizar seus planejamentos, Paulon, Freitas e Pinho (2005) relatam que:

Um pressuposto frequente nas políticas relativas à inclusão supõe um processo sustentado unicamente pelo professor, no qual o trabalho do mesmo é concebido como o responsável pelo seu sucesso ou fracasso. É claro que a aprendizagem dos alunos é uma das metas fundamentais, não só dos professores, mas de todo o profissional que esteja implicado com a educação e, sem dúvida, uma prática pedagógica adequada é necessária para alcançá-la. (PAULON, FREITAS e PINHO, 2005, p. 9)

A inclusão de pessoas com o transtorno do espectro autista é uma tarefa que engloba todos aqueles que estão a sua volta, não é exclusivo do professor. O educador é responsável por esse papel dentro de sala de aula, incluindo o autista com os demais colegas, porque ele por si só, não consegue fazer essa socialização, devido a sua dificuldade de interagir com outras pessoas.

Os pais também devem acompanhar os filhos no processo de inclusão na escola, saber se eles estão participando das atividades proporcionadas pela mesma, porque essa é uma forma de interagir com os alunos da instituição, e não exclusivamente com os colegas de classe.

Dessa forma, a necessidade de incluir as crianças com transtorno do espectro autista na escola é essencial, para fazer com que as mesmas interajam com outras pessoas de fora do meio familiar, assim, a interação desses indivíduos com os colegas de escola é um passo de extrema importância, que deveria ser adotado por todas as famílias.

Sabe-se que muitas famílias têm medo de matricular os filhos que possuem autismo na escola, pois o medo que os mesmos sejam discriminados por causa do seu transtorno é grande, mas esses familiares devem ver essa oportunidade como uma forma da criança se socializar com outras pessoas da mesma faixa etária.

Isso é essencial para as pessoas com TEA não fiquem apenas no seu mundo, de forma reclusa, dessa forma a inclusão de crianças autistas na escola é fundamental, pois essa é uma maneira para que eles se habituem a sociedade e possam conviver diariamente com outras pessoas sem ficarem isoladas, porque se

sabe que essa é uma característica típica deles, o isolamento dentro da própria mente.

Os pais possuem total direito de matricular os filhos na escola, não importa se ele possui alguma particularidade que os diferenciem dos demais, pois é um direito de qualquer criança a educação, e familiares devem ter isso em mente, caso alguma escola não queira aceitar a matrícula dos alunos.

As escolas, de modo geral, têm conhecimento da existência das leis acerca da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ambiente escolar e da obrigatoriedade da garantia de vaga para estas. As equipes diretivas respeitam e garantem a entrada destes alunos, mostrando-se favoráveis à política de inclusão, mas apontam alguns entraves pelo fato de não haver a sustentação necessária, como por exemplo, a ausência de definições mais estruturais acerca da educação especial e dos suportes necessários à sua implementação. (PAULON; FREITAS; PINHO, 2005, p. 25-26).

O ideal seria se todas as escolas tivessem estrutura para as crianças que possuem algum transtorno, mas se sabe que muitas não possuem, apesar de que isso não deve ser um impedimento para aceitar um aluno especial, pois a inclusão deve estar presente em todas as instituições de ensino.

Cada instituição tem conhecimento dos direitos e deveres que devem respeitar, pois a inclusão de pessoas com necessidades especiais nas escolas está cada vez mais frequente, porque sabemos que a família tem tentado incluir as crianças que possuem qualquer transtorno, e elas devem ser bem acolhidas nas escolas.

2.2 DESAFIOS DO PROFESSOR COM O ALUNO AUTISTA

Sabe-se que o desafio enfrentado diariamente pelos professores é grande, uma vez que trabalhar com pessoas é uma tarefa bastante complicada. Assim, pode-se dizer que trabalhar com crianças autistas é uma tarefa totalmente nova para muitos profissionais.

Atualmente, o número de pessoas com autismo dentro de uma instituição de ensino aumentou consideravelmente, pois com todos os direitos que eles possuem, muitos familiares se sentem mais a vontade de matricular seus filhos na escola, para que eles possam se adaptar a uma rotina nova.

Tarefa essa que não é fácil principalmente para o autista, pois o mesmo possui grande dificuldade de adaptação a coisas novas, pois é bem característico deles o isolamento e reclusão dentro de seu próprio mundo, então a escola está para tentar tirar um pouco dessa parte do autista e fazer com que eles possam interagir com outros.

Dessa forma, quem irá fazer essa adaptação do autista a escola será o professor juntamente com a família, uma vez que os dois terão um papel fundamental nessa nova rotina, e cabe o trabalho conjunto deles para essa adaptação ocorrer de forma positiva. Para Felício:

É importante salientar que, para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, a escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração, sendo possível por meio dela a aquisição de conceitos importantes para o curso da vida. (2007, p. 25)

O professor como educador tem um papel fundamental na vida das crianças, pois são eles que possuem o primeiro contato com elas na escola, que as acompanham diariamente, sendo impossível que não haja um vínculo com esse convívio.

Com os autistas não é diferente, pois alguns acabam se apegando a certas coisas e pessoas, e conseguir a confiança deles é um passo essencial para que o professor possa desenvolver seu planejamento com eles. Dessa forma, é necessário que o professor saiba conduzir uma turma que possui alguma criança com TEA, pois ele não poderá trabalhar com ela, da mesma forma que os demais alunos.

O trabalho do profissional da educação acaba se tornando mais complicado, pois em vez dele fazer apenas atividades que sejam para toda a turma, ele vai ter que se planejar para fazer tarefas que estejam adaptadas para as dificuldades que o autista venha a apresentar durante o ano letivo.

Segundo Monte; Santos (2004, p. 31): “o aluno com necessidades educacionais especiais, por apresentar autismo, precisa ser ajudado a adquirir conhecimentos que os outros alunos aprendem naturalmente, por isso a importância da seleção de atividades”, porque será através das atividades diferenciadas que será suprido as dificuldades apresentadas por esses alunos

Por isso que é importante a realização de um planejamento diferenciado para as pessoas autistas, porque as formas de aprendizagem serão diferentes dos

demais, então o professor deve saber mediar os conteúdos que são exigidos pela escola, com as dificuldades que eles irão apresentar.

Dessa forma o professor deixa de ser apenas um mediador de conhecimento e passa a ser um orientador para a criança autista, pois o educador se torna um estimulador de desenvolvimento e aprendizagem que será construída com os demais colegas de classe, passo esse fundamental para incluir o autista na escola.

Para Oliveira (1997, p.26) a mediação “é processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”, que no caso é o professor, ele será o mediador de conhecimento para a criança TEA, pois ele que estará acompanhando ela nas atividades desenvolvidas.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo PEP-R, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. (SANTOS, 2008, p.30),

O professor precisa primeiramente entender que o autista tem que possuir seu próprio tempo para fazer as suas atividades, e tentar forçar o mesmo não irá adiantar, pois pode acabar deixando-o irritado, e dessa forma ele não irá fazer nada, e pode até mesmo tentar machucar algum colega e a si.

Assim, o educador deve ter em mente que para um bom convívio com o autista, a paciência deve prevalecer todos os dias, porque muitas dificuldades serão encontradas, pois o desenvolvimento deles ocorre de forma lenta e gradativa, por isso cada avanço que eles conseguirem será importante para todos que convivem com essas crianças.

O professor sabe que não possui nada mais gratificante para ele, do que ter o reconhecimento pelo seu trabalho, mesmo que isso aconteça a partir de pequenos avanços ao longo do ano letivo, porque a família que acompanha os filhos, verá que o desenvolvimento que eles aos poucos irão apresentar.

A graduação em licenciatura plena pedagogia, garante ao profissional o conhecimento básico sobre a educação especial, mas ele deve estar sempre buscando novos conhecimentos a respeito do assunto, pois as informações estão sempre evoluindo e o professor deve estar atualizado.

A formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1995, p.25)

O autor relata a respeito da formação do professor, pois ela não se constrói apenas por cursos, eles são importantes no decorrer da vida acadêmica desse profissional, mas a experiência vai ser um fator primordial no trabalho com as crianças autistas.

Os cursos irão contribuir no conhecimento do profissional sobre o autismo, mas apesar de estudar sobre o tema, quando ele chegar em uma sala de aula que possui um aluno com TEA que o professor irá se dá conta da responsabilidade que ele vai ter de ajudar no desenvolvimento dessas crianças.

Apesar de não ser uma tarefa fácil de se realizar, também não é impossível. Dessa forma, o professor deve estar sempre buscando metodologias que possam o auxiliar durante o ano letivo para a evolução do ensino aprendizagem dos autistas, principalmente depois de conhecer essas crianças, pois elas nos fazem enxergar a educação com um olhar diferenciado.

É imprescindível que o educador e qualquer outro profissional que trabalhe junto à pessoa com autismo seja um conhecedor da síndrome e de suas características inerentes. Porém, tais conhecimentos devem servir como sustento positivo para o planejamento das ações a serem praticadas e executadas [...]. (ORRÚ, 2003, p.1)

O professor toda vez que recebe um aluno autista em sala de aula, irá perceber que apesar das características mais marcantes entre eles, sempre haverá algo que os diferenciara uns dos outros, pois eles nunca serão iguais. Assim, a forma de trabalhar do educador também irá se adaptar conforme os alunos.

O educador deve saber que apesar de conhecer as características mais marcante da pessoa com TEA, ele e nenhum outro profissional conhecerá todas as características que o autista venha a apresentar, porque eles sempre serão diferentes, e é em cima disso que o professor deve trabalhar.

Com o conhecimento pelo menos básico, o professor irá planejar suas atividades a partir das dificuldades que ele encontrou nessas crianças e dessa forma, traçar todo um planejamento que ajudará no ensino aprendizagem dos autistas, para conseguir um resultado satisfatório no fim do ano letivo.

2.3 O DOCENTE E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O desafio de trabalhar com uma criança que possui o transtorno do espectro autista é grande, uma vez que eles precisam de cuidado dentro e fora da sala de aula, dessa forma o profissional que o acompanha deve estar apto a realizar esse trabalho que não é fácil, pois o autista precisa de todo acompanhamento necessário de acordo com o grau que ela venha a possuir.

Na escola, o responsável por essas crianças é o professor, ou as vezes quando requerido pelos familiares, o itinerante, pois ele vai estar sempre acompanhando o aluno durante as aulas, pois o educador titular da sala, tem que dividir sua atenção para todos os alunos que estejam presentes.

Assim, o professor tem que fazer um planejamento diferenciado para o autista, que irá ajudar a suprir as dificuldades que a pessoa com TEA apresente, a partir desse plano de aula, o educador irá realizar as atividades necessárias para o desenvolvimento do ensino aprendizado dessas crianças.

Os professores estudam e se instrumentalizam rapidamente quando há uma criança com necessidades especiais em suas salas, mas se desgastam e se angustiam com as frustrações causadas pela quebra da expectativa que têm desses alunos. Muitos vão a congressos e aprendem técnicas novas, mas na hora de aplicá-las é bem diferente. Julgam-se, na maioria das vezes, pouco competentes e despreparados, o que faz com que desistam ou se sintam culpados. Outros encaram esse desafio como uma "questão de honra", mas podem incorrer no erro de deixarem os demais alunos de lado, causando mais problemas. Alguns têm receio de serem recriminados pelos pais, outros não têm a menor ideia do que fazer e, simplesmente, ficam à mercê das vontades da criança. (SILVA, 2012, p. 76 e 77)

O docente deve sempre estar fazendo cursos para atualizar suas metodologias de trabalho de acordo com a dificuldade de seus alunos, dessa forma a melhor maneira que esse profissional encontra é investindo sempre mais em palestras que possa o ajudar quando estiver em sala de aula, juntando a teoria com a prática.

Percebe-se que estar cada vez mais comum ter alunos com transtorno do espectro autista presentes nas escolas, e a especialização dos docentes será essencial para poder trabalhar com essas pessoas, pois a atenção que os autistas recebem de certa forma é maior que a dos demais colegas.

Isso varia de acordo com cada caso, porque como algumas pessoas possuem o TEA severo, a dependência de outros indivíduos acaba sendo constante na sua

vida, diferente daqueles que possuem o autismo leve, pois a dificuldade que eles apresentarão será menor. Então o professor quando tiver desenvolvendo o seu planejamento deve atentar-se a esses pequenos detalhes.

O docente conhece como ninguém os alunos que estão presentes todos os dias na classe, dessa forma, será mais fácil ter esse cuidado na elaboração de suas práticas pedagógicas, para que elas possam incluir todas as crianças que estejam durante a aula, sem exceção.

Isso é claro varia de acordo com cada profissional, pois cada um possui uma forma diferenciada de trabalhar, mas de maneira geral, todos os professores tentarão fazer com que as crianças que possuem o TEA, sintam-se acolhidas durante o período que estiverem na escola.

O padrão de comportamento autístico impõe rigidez a uma série de aspectos do funcionamento diário, tanto em atividades novas como em hábitos e brincadeiras. Isso tende a ser uma dificuldade para o ensino. Um mundo repleto de responsabilidade e surpresas pode ser desafiante e confuso para o autista, por isso ele sente segurança em sua rotina. Entretanto, a rotina pode ser transformada em uma ferramenta, criando uma possibilidade de aprendizagem. Este princípio pode nortear, também, a prática educativa do professor. (CUNHA, 2012, p. 35)

O docente deve aproveitar as próprias características do autista para trabalhar com eles, pois a pessoa com TEA costuma seguir uma rotina, e dessa forma o professor pode usar esse elemento a seu favor, criando durante a adaptação dessas crianças um padrão de afazeres escolares.

Essa rotina pode beneficiar tanto o docente como o aluno, uma vez que quando o autista já estiver acostumado a frequentar a escola diariamente, logo ele estará adaptado a essa nova rotina, e para a pessoa que possui o TEA é primordial que isso aconteça, pois o mesmo se sente seguro com esse padrão bem característico deles.

Como o docente conhece cada aluno que está na sala de aula, ele saberá lidar da melhor forma possível com a criança autista, porque o professor estará trabalhando diariamente com as pessoas que possuem o TEA, dessa forma, o educador saberá quais os pontos principais que deve ser repassado aos alunos.

Assim, o docente deve fazer o planejamento das aulas que ele irá ministrar, uma vez que essa é uma forma de demonstrar que esse profissional conhece seus alunos e está preparando aulas de acordo com o nível de aprendizagem dos mesmos, pois ele reconhece as dificuldades que os discentes apresentam.

Como os autistas possuem bastante dificuldades de adaptação a lugares e pessoas novas, é essencial que o professor tenha cuidado redobrado ao receber essas crianças em suas classes, para que essa adaptação ocorra de forma positiva e que não cause nenhum tipo de estranhamento da parte da criança.

É normal a criança autista sentir-se desconfortável e intimidada em um ambiente novo, como o da escola. É normal buscar apoio nas coisas ou nos movimentos que a atraem, mantendo-se permanentemente concentrada neles, esquecendo de todo o resto. É normal a birra quando alguém a contraria. É normal o medo e a raiva ganharem proporções traumáticas. O professor precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico. Nessa relação quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o aluno. (CUNHA, 2012, p.33)

Assim, é normal que a pessoa com TEA, possua certos desconfortos quando ingressar na escola, pois a reclusão e o medo de interagir com outros é bem característico do autista, e dessa forma, a sua inserção em sala de aula se dará de maneira mais lenta.

O autista tem sua própria forma de enxergar o mundo, até porque eles preferem viver isolados de outras pessoas, de barulhos que os incomodem, e na escola eles não terão como se afastar dos demais colegas, pois é importante a participação de todos durante as atividades escolares.

Dessa forma, o docente deve saber trabalhar isso, pois ele não pode forçar qualquer criança a fazer o que ela não queira, e caso isso aconteça com o autista, ele não irá reagir de uma maneira satisfatória, porque caso ele venha a ser contrariado, a pessoa com TEA pode fazer birra e acabar até se machucando na escola, o que de certa forma pode até mesmo acarretar uma aversão aquele local.

A partir disso, sabe-se que o docente deve acolher bem todas as crianças que estão presentes em sua classe, e trabalhar com elas de forma que todas estejam gostando do ambiente que estão inseridas. O que deve ser o caso do autista, pois para que ele queira continuar na escola é necessário que o mesmo se sinta à vontade no ambiente escolar.

Isso irá acontecer a partir do momento que o docente desenvolver práticas pedagógicas que irão somar no processo de ensino aprendizagem das crianças autistas. E o profissional da educação deve ter em mente que insistir em trabalhar com as metodologias que serão desenvolvidas para os alunos é essencial para que haja aprendizado.

2.4 EXPECTATIVAS DA APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA

Sabe-se que a dificuldade de aprendizagem de pessoas autistas é grande, uma vez que devido ao seu déficit de linguagem, comunicação e interação, eles acabam se tornando reclusos em suas próprias mentes e dessa forma, não evoluem igualmente a outras crianças da mesma faixa etária.

Então durante o processo ensino aprendizagem dos que possuem o transtorno do espectro autista, essa característica deles deve ser levada em consideração quando o mesmo ingressar em uma instituição de ensino, para que não haja nenhum empecilho durante o período letivo.

Para ensinar uma pessoa com TEA, deve-se ter em mente que eles aprendem de acordo com o seu próprio tempo, e forçá-los a fazer algo não ajudará, pois não adianta criar muitas expectativas quando a criança entrar na escola e achar que ela irá se desenvolver juntamente com os demais.

Porque o autista irá aprender no seu tempo e de forma lenta e gradativa, o professor deve construir toda uma base para que se possa trabalhar com esses alunos de forma que eles não sejam forçados a realizar quaisquer atividades, pois caso isso aconteça, pode acabar atrasando o desenvolvimento dessas crianças.

A criança autista é especialmente atraída por objetos que rodam e balançam. Geralmente utiliza uma bola para fazê-la girar. O professor ou professora deve aproveitar o próprio fascínio que os objetos exercem sobre ela e ensinar-lhe o uso correto. Não é bom que haja o arrebatamento pelos movimentos repetitivos. Serão imprescindíveis a virtude da paciência e a espera por resultados não imediatos. O grande foco na educação deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados, pois, nem sempre eles virão de maneira rápida e como esperamos. (CUNHA, 2012, p. 32)

Essa seria uma forma de trabalhar com o aluno com TEA, aproveitando as coisas que lhes chamem atenção para que possam focar nas aulas, porque se sabe que é bastante difícil ter a atenção de um autista quando o mesmo não quer, porque ele não irá focar no que está sendo repassado pelo professor e dessa forma ele não conseguirá acompanhar a turma.

Uma das razões as quais os autistas não conseguem se desenvolver muito durante o ano letivo, é porque eles possuem a facilidade de se desligar do mundo, e com isso acabam perdendo o foco do que está acontecendo ao redor deles, devido essa fuga de realidade que eles possuem.

Então para que um professor consiga ter a atenção desses alunos, é essencial conhecer sobre as características das pessoas com autismo, para que dessa forma o educador possa realizar atividades que prendam a atenção do autista e ele consiga aos poucos com ajuda necessária assimilar o que o docente está repassando.

Sabe-se que uma das maiores dificuldades que os professores encontram ao trabalhar com pessoas que possuem alguma especialidade é por causa da falta de informação acerca do assunto, pois primeiramente é preciso conhecer os alunos, e a partir disso buscar informações de como trabalhar com esses indivíduos.

Atualmente, o número de pessoas com quaisquer necessidades especiais é grande, uma vez que cada vez mais indivíduos estão ingressando nas escolas, e falta de informação dificulta que o profissional da educação exerça seu trabalho, pois ele não saberá ao certo quais metodologias abordar se não tiver o mínimo de conhecimento na área.

Dessa forma, a capacitação desses profissionais deve ser essencial, para que os docentes estejam aptos a ministrar aulas para os alunos, e assim obter excelentes resultados no processo de ensino aprendizagem dessas crianças, além de contribuir para o seu desenvolvimento profissional.

Voltado para a criança autista, a capacitação dos professores só irá contribuir no aprendizado desses indivíduos, porque assim, esse profissional estará apto para desenvolver na pessoa autista, algumas habilidades que é necessária para o seu desenvolvimento.

Para o aluno com autismo, a princípio, o que importa não é tanto a capacidade acadêmica, mas sim a aquisição de habilidades sociais e a autonomia. A atribuição do educador é a de promover e dispor de uma série de condições educativas em um ambiente expressamente preparado. Para que a criança autista não se torne um adulto incapaz de realizar tarefas simples do dia a dia, precisa aprender diversas atividades que a tornará mais independente durante o seu crescimento. (CUNHA, 2012, p.34)

O professor deve trabalhar em sala de aula com a criança autista atividades que os demais fazem, assim como as diferenciadas, porque essas serão para suprir as dificuldades que os alunos apresentam durante as aulas, pois elas entrariam como complemento do assunto repassado.

A pessoa com TEA irá desenvolver na escola algumas habilidades que é essencial para o seu desenvolvimento escolar, uma vez que na escola o autista de

certa forma terá mais liberdade de aprender, pois ele estará convivendo com outras crianças e observando a forma que elas agem.

Uma das principais metas que o educador deve ter ao receber uma criança com TEA em sala, é fazer com que haja a interação social desse indivíduo, pois como os autistas são mais isolados, é bastante dificultoso que ocorra essa interação, então cabe ao professor fazer essa mediação.

O docente deve trabalhar também com a autonomia dessas pessoas, pois dependendo do grau de autismo que eles apresentem, é difícil que eles venham a possuir qualquer autonomia, e assim sempre irão precisar de alguém que esteja presente para auxiliá-los em quaisquer necessidades apresentadas.

Por isso que Cunha ressalta sobre a autonomia como um ponto primordial a ser trabalhado em sala de aula com os indivíduos com TEA, para que quando essas pessoas crescerem não precisarem sempre de alguém disponível, e tornarem-se assim pessoas autônomas, capazes de realizar suas próprias atividades diárias.

As expectativas de aprendizagem em cima dos autistas é grande em algumas famílias, pois os pais querem que os filhos se desenvolvam igualmente aos demais colegas e muitas vezes acabam frustrados, porque precisam entender que cada criança se desenvolve de maneira diferenciada.

No caso do autista a forma de aprendizado dele vai ser diferente das outras crianças, porque eles aprendem de forma lenta e gradativa, sendo necessário todo um processo de acompanhamento das pessoas com TEA, para que possa ocorrer progressos nas atividades escolares.

Assim, entende-se que quem possui o transtorno do espectro autista, apresentará sim algum tipo de avanço durante as aulas, pode não ser de forma imediata como alguns colegas que possuem facilidade, mas se o educador insistir, o progresso no aprendizado dos autistas irá aparecer.

As crianças com autismo, regra geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo precisa muita dedicação e paciência da família e também dos professores. É vital que pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso a informação confiável sobre os métodos educacionais que possam resolver suas necessidades individuais. (NUNES, 2008, p.4)

Alguns autistas possuem dificuldades na fala, e isso é fácil de perceber, porque alguns não conseguem falar de forma correta, enquanto outros se

expressam apenas por meio de gestos, que indiquem o que eles querem repassar através desses gestos que eles fazem.

Por isso que alguns familiares levam os filhos com o transtorno do espectro autista para fonoaudiólogos, para que eles possam ter acompanhamento extra, de forma que o desenvolvimento da fala ocorra de maneira mais rápida, mas sempre mantendo diálogos em casa, para que a criança possa aprender também com os pais.

Assim, os familiares, educadores e quaisquer outras pessoas deve ter em mente que o autista aprende de acordo com o próprio tempo, não adianta criar expectativas em cima dessas crianças, e pressiona-las para que o seu desenvolvimento ocorra de forma igualitária aos demais, porque apenas irá prejudicar qualquer progresso que tenha acontecido até o momento.

Sabe-se que o autista nunca lida bem com a pressão de outras pessoas acerca dele, por isso, o ideal é que os familiares deixem que o professor trabalhe durante o tempo da criança com autismo, para que ele possa sair da escola com autonomia sobre si, e com pelo menos uma parcela de aprendizado que foi repassado pelo educador durante esse período.

3. O AUTISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO APRENDIZAGEM: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO TOMÉ EM ITAITUBA- PARÁ.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal de ensino fundamental São Tomé, está localizada na Rua Nossa Senhora do Bom Remédio S/N, 20ª (Vigésima) rua do bairro Bela Vista, CEP: 68180-380, na cidade de Itaituba – Pará. A escola tem como entidade mantedora a prefeitura municipal de Itaituba.

Primeiramente a escola funcionou na casa de um antigo funcionário por cerca de dois anos, até o prédio da escola ser fundado, e isso aconteceu dia 1º de maio de 1980, sob a administração do Sr. Altamiro Raimundo da Silva, prefeito municipal na época. Em 1983 foi a construção foi ampliada, passando a possuir três salas de aula.

Na administração do Sr. Wirland da Luz Machado Freire, prefeito municipal no período de 1993 a 1996, o mesmo construiu mais três salas de aula, uma cozinha e quatro banheiros, funcionando em dois pavilhões. A escola foi fundada com o objetivo de atender a comunidade em geral principalmente dos bairros situados aos arredores da mesma.

Atualmente, a escola conta com mais de 350 alunos divididos em 14 turmas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Fornecendo alimentação escolar de qualidade para os alunos, água tratada, lixo destinado à coleta periódica, acesso à Internet. Possuindo também subsídios multimídias como TV, DVD, copiadora, impressora, aparelho de som, data show e filmadora.

A escola possui em sua estrutura física, sete (7) salas de aula, sala de diretoria, sala dos professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta, cozinha, sala de leitura, banheiros adequados à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

Possui também em suas dependências vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, almoxarifado, pátio coberto e área verde para atividades diversas que são realizados com os alunos da instituição.

A referida escola funciona sob a direção da professora Marinalva Melo das Neves, há mais de dez anos, a mesma é Licenciada Plena em Pedagogia e especialista em Pedagogia Escolar. O prédio da escola passou por uma reforma recente com objetivo de atender melhor a comunidade que a rodeia, tal reforma fora iniciada há mais de seis anos, ficando parada pela maior parte do tempo e concluída no final ano de 2017.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Tomé oferta o Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, funcionando em dois turnos, matutino e vespertino com treze turmas, sendo: três turmas de 1º ano, três do 2º ano, quatro de 3º ano, uma turma de 4º ano e duas turmas de 5º ano, com faixa etária de seis a quatorze anos.

A escola, além das treze turmas de ensino regular atende os alunos com necessidades educativas especiais no contra turno e na sala de aula regular através do professor itinerante. Contando também com uma Diretora, um Secretário, uma Coordenadora Pedagógica, uma Auxiliar de Secretaria Escolar, treze professoras, duas merendeiras, quatro auxiliares de serviços gerais e três vigias.

De acordo com relatos dos professores do ciclo de alfabetização e gestora da escola, os projetos relacionados à leitura e escrita sempre fazem parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) sendo planejado no início de cada ano de forma com que possa atender cada série e suas necessidades, sendo este flexível e passivo de alterações caso necessário.

A escola municipal São Tomé tem por missão lutar pela garantia do acesso e permanência do aluno na escola, bem como proporcionar uma educação de qualidade social, igualitária e compromissada visando à formação dos cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade. Tendo ainda, o respeito, o compromisso, a solidariedade e a valorização como valores que norteiam suas ações.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos decorreram a partir de uma pesquisa bibliográfica com autores como (SILVA, 2012); (CUNHA, 2012); (MELLO, 2007); (ORRÚ, 2012), dentre outros que foram pesquisados; a pesquisa de campo ocorreu com duas professoras, e os pai do aluno, em que esta, aconteceu através de

entrevistas com questionários individuais. A abordagem foi qualitativa e explorativa, onde intencionou-se refletir sobre os desafios dos professores com um aluno autista presente em sala de aula, de uma escola pública Itaituba-Pará.

A pesquisa foi direcionada pelas seguintes questões: Quais são os principais desafios dos professores com um aluno autista em sala de aula? Qual é o perfil deste aluno no contexto escolar? Quais metodologias trabalhadas foram utilizadas para facilitar a inserção deste aluno com NEE?

De acordo com os objetivos que foram alcançados por essa pesquisa, na qual consistia em refletir sobre os desafios de um autista em sala de aula, verificando o perfil deste aluno com autismo e identificando as metodologias que facilitaram a inserção destes alunos para o AEE.

O presente estudo teve também coleta e análises de dados do referido estudo de caso, que foram realizados por meio de questionários elaborados com as entrevistas aos investigados, com discussão sobre as respostas, propostas de intervenção sobre o autismo, a conclusão e as referências bibliográficas.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

A entrevista foi realizada com duas professoras da escola de ensino fundamental São Tomé, e com os pais do aluno autista da instituição. Assim, os mesmos relataram um pouco sobre os seus conhecimentos acerca da criança que é o foco da presente pesquisa.

Dessa forma, pode-se dizer a respeito das professoras da escola São Tomé que ambas trabalham na instituição a cerca de dois anos, sendo uma professora titular da classe, e a outra a itinerante, sendo que a última é responsável pelo acompanhamento do aluno autista durante o período de aula.

Ambas as professoras trabalham na área da educação há mais de dez anos, sendo que elas possuem graduação em licenciatura plena em pedagogia, e apenas uma delas possui pós-graduação, que é a na área de neuropsicopedagogia, e a mesma é a professora que trabalha com o atendimento educacional especializado – AEE.

Fizeram parte da pesquisa também os pais da criança autista, podendo dizer sobre os mesmos que ambos participam da criação do filho, um de forma mais

participativa que o outro, mas que ambos acompanham a criança de acordo com suas possibilidades.

A mãe da criança, possui quarenta e cinco anos de idade, trabalha apenas em casa, não concluiu o ensino fundamental e acompanha o filho sempre que necessário nos tratamentos que são fundamentais para o desenvolvimento da criança com TEA.

Já o pai da criança, atualmente está dividido entre duas cidades, Trairão e Itaituba, pois o mesmo trabalha no município de Trairão, mas sempre que necessário ele está em Itaituba para acompanhar o filho e a esposa. Sendo que os feriados são passados na cidade que o pai reside.

O pai possui cinquenta e nove anos de idade, tendo apenas o ensino fundamental incompleto, sendo que o mesmo trabalha com refrigeração, profissão essa que é de família, pois apesar do pouco estudo, a profissão é a mesma dos cunhados, que foram os responsáveis por ensinar a profissão.

3.4 ANÁLISE DA PEQUISA COM OS PROFESSORES

O autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação e interação social de quem possui o TEA. Os autistas têm fascinação por objetos coloridos e rotativos, e são muito ligados a uma rotina, e o desenvolvimento deles ocorre de forma lenta e gradativa.

A partir disso, para iniciar a investigação, questionou-se para as entrevistadas, sobre a definição de deficiências em ambientes escolares.

Quadro 1: Defina deficiências em ambientes escolares. **Fonte:** Professoras da EMEF “São Tomé” em Itaituba- Pará

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	Pessoa com deficiência é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental e intelectual. No ambiente escolar, se não houver a inclusão, para que o aluno tenha um desenvolvimento físico, intelectual e emocional na escola.
P2	Se o termo de referir às necessidades específicas de aluno com deficiência, será inclusão de forma efetiva e interventiva, de promoção aos saberes e a participação plena dos indivíduos, tanto física quanto educacional.

De acordo com as entrevistadas sobre a definição de deficiências em ambientes escolares, as mesmas responderam que o conceito de deficiência é a que ocorre a longo prazo, ressaltando que a inclusão é o ponto primordial para que

essas pessoas se sintam acolhidas na escola, e dessa forma possam participar das atividades desenvolvidas.

O professor é o principal agente em sala de aula, e depende de suas atitudes boa parte do que possa afetar aos alunos sem deficiência em relação aqueles que as tem. Assim, não basta a experiência do contato com alunos com deficiência para que algum grau de inclusão ocorra: é necessária também a intervenção consequente do professor. (CROCHIK, 2009, p.45)

Dessa forma, o professor é peça fundamental para que os alunos com deficiências estejam incluídos nos ambientes escolares, pois são os educadores que terão que fazer uma ponte na relação dos educandos que possuem alguma deficiência, daqueles que não possuem.

Assim, é essencial a participação do professor no processo de inclusão dos alunos com deficiência nas escolas, pois muitos desses alunos possuem receio de ingressar em uma instituição por medo de preconceito, e cabe ao educador que faça atividades que englobem todos os presentes em sala de aula. A seguir a pergunta aos professores, sobre o autismo.

Quadro 2: Fale sobre o autismo **Fonte:** Professoras da EMEF “São Tomé” em Itaituba- Pará.

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	Autismo é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social e comportamental. É um transtorno neurológico caracterizado por comprometimento da interação social.
P2	O autismo em termos gerais digamos assim, é uma condição de maior ou menor grau de concentração, ou interesse pessoal que o indivíduo que se apresenta com esse transtorno tem em relação ao mundo a sua volta.

De acordo com o que as entrevistas falaram sobre o autismo, elas responderam que é um transtorno neurológico causado por dificuldades de socialização, e que pode ocorrer com um grau de comprometimento de maior ou menor escala, que afeta o modo dessas pessoas de visualizar o mundo ao seu redor.

Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação (MELLO, 2007, p.16).

O autismo é uma síndrome que causa comprometimento no desenvolvimento da pessoa que possui o TEA. Quem possui o transtorno do espectro autista, na

maioria das vezes apresenta dificuldades de socialização e comunicação, sendo essas as principais características apresentadas por esses indivíduos.

O autismo varia os sintomas de acordo com o grau de comprometimento que cada pessoa venha a apresentar, podendo ser de leve a severo. Os indivíduos que possuem o TEA, são conhecidos por viver em seu próprio mundo como forma de fugir da realidade, e não encarar as pessoas que vivem a sua volta, devido à dificuldade de se socializar com outros. Prosseguindo, a questão sobre os desafios enfrentados por professores que possuem alunos autistas.

Quadro 3: Quais são os principais desafios dos professores com um aluno autista em sala de aula?

Fonte: Professoras da EMEF “São Tomé” em Itaituba- Pará

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	A maior dificuldade que eu encontro diante de um aluno autista é a comunicação. O aluno autista tem essa dificuldade para se comunicar e interagir com os colegas e professores.
P2	O maior desafio é a capacidade de flexibilização dos conteúdos ou atividades, de modo a contemplar a participação do aluno com autismo de forma plena. A empatia é a forma mais eficaz de garantir a igualdade, enfim, cada autista é único e, suas peculiaridades exige conhecimento, busca continua para um fazer com excelência.

De acordo com as entrevistas os principais desafios de trabalhar com autistas encontrados por elas foram as dificuldades de comunicação e de interação com as demais pessoas, a flexibilidade de conteúdos que possam abranger o autista para a contribuição do aprendizado deles apesar das diferenças que os indivíduos com TEA apresentam.

A função do professor é ajudá-las a se aproximar desse mundo de significados e proporcionar os instrumentos funcionais que estão dentro das possibilidades da criança. Estes sentimentos de estupor, incapacidade e perplexidade que professores poderão apresentar, não são negativos, ao contrário, podem mobilizar a necessidade de compreender os autistas e ajudá-los através da educação. (MELLO, 2007, p.98)

Sabe-se que a maioria dos professores não são conhecedores de todas as informações sobre os autistas, pois o assunto é bastante abrangente, mas muitos possuem as informações necessárias para poder trabalhar com essas pessoas em sala de aula, apesar de que nem todos estejam preparados para ter em classe um aluno com TEA.

Assim, cabe ao professor auxiliar quem possui o transtorno do espectro autista, e enfrentar junto aos alunos a dificuldades, que sem sombra de dúvidas serão muitas, principalmente por causa da comunicação escassa que os autistas

apresentam e também por causa da falta de interação com outras pessoas, então o professor como mediador deve fazer essa ponte entre seus alunos. Por conseguinte, a pergunta as professoras se elas já trabalharam com autistas em sala de aula.

Quadro 4: Já trabalhou com autista em sala de aula? Fale sobre essa experiência.

Fonte: Professoras da EMEF “São Tomé” em Itaituba- Pará

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	Sim, minha experiência no início foi ruim, pois não conseguia me comunicar com meu aluno autista. Trabalhar com a parte pedagógica também foi um grande desafio.
P2	Sim, como disse anteriormente, cada aluno apresenta sua peculiaridade, mas o desafio é desenvolver as principais habilidades (atenção, concentração, coordenação viso motora e oralidade).

De acordo com o que as entrevistadas falaram sobre terem trabalhado com autistas em sala de aula, as mesmas disseram que já haviam trabalhado com pessoas com TEA, e que a dificuldade de comunicação era ruim, pois eles são mais fechados, e trabalhar a parte pedagógica também não era fácil, mas apesar das diferenças que eles apresentam o maior desafio era fazer com que eles se desenvolvessem.

Sabe-se que é bastante difícil de se trabalhar com autistas, porque geralmente a comunicação deles é escassa, mas que com metodologias diferenciadas pode tornar o processo de aprendizagem dessas crianças mais fácil, tanto para elas como para os professores que as acompanham diariamente. A seguir, a questão a respeito do perfil dos alunos no contexto escolar.

Quadro 5: Qual é o perfil do aluno autista no contexto escolar? **Fonte:** Professoras da EMEF “São Tomé” em Itaituba- Pará

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	É um aluno que apresenta um comportamento bem diferente do contexto escolar. Ele não tem uma interação com outros alunos.
P2	É um aluno que em algumas ocasiões apresenta comportamento alheio do contexto escolar e se houver comodidades apresentará inquietação. Temos alguns não verbais, não funcionais, devido aos níveis que são 3 (1,2,3) leve, moderado e severo.

De acordo com o que as entrevistadas falaram de um aluno autista no contexto escolar, as mesmas responderam que esse indivíduo possui um comportamento diferenciado das outras crianças, e o desempenho das pessoas com TEA varia a partir do grau de comprometimento apresentados por elas em seu diagnóstico.

Crianças com o transtorno podem apresentar retardo mental grave, ser intelectualmente normais ou ter capacidade mental superior; podem ser não verbais ou muito competentes, em termos linguísticos; podem ter deficiências motoras, problemas sensoriais e médicos, ou não exibir qualquer desses problemas; pode ou não haver manifestação de sinais de hiperatividade, prejuízos auditivos, convulsões epiléticas, deficiências do sistema imunológico e diferentes problemas comportamentais, como autoagressão e agressividade voltada a outros (WHITMAN, 2015, p. 240).

De acordo com o autor as crianças autistas são únicas, cada uma possui peculiaridades que as diferenciam, e que os sintomas que elas apresentam também variam, a partir disso se sabe que não dá para afirmar que uma pessoa possui o TEA, apenas pelo jeito de ser.

Aqueles que possuem o transtorno do espectro autista apresentam as suas peculiaridades, pois cada autista é único e eles se diferenciam dos outros por meio de características que variam de acordo com o grau de comprometimento que cada um apresenta. Por conseguinte, a pergunta a respeito das metodologias utilizadas para inserir o aluno na escola.

Quadro 6: Quais metodologias trabalhadas são utilizadas para facilitar a inserção deste aluno com essa NEE? **Fonte:** Professoras da EMEF “São Tomé” em Itaituba- Pará

PROFESSORAS	RESPOSTAS
P1	O aluno tem o acompanhamento de uma professora itinerante na sala, as atividades dele são bem específicas, usamos bastante recursos visuais que venha chamar a atenção dele.
P2	Desenvolver as habilidades perceptivas com recursos visuais, pois há aqueles que gostam de músicas, jogos, entre outros. O material concreto é imprescindível para o desenvolvimento e a interação do aluno autista.

De acordo com o que as entrevistadas relataram a respeito das metodologias utilizadas para trabalhar com esse aluno, pode-se dizer que em sala de aula tem uma professora itinerante para auxiliá-lo sempre que necessário, e que as professoras utilizam recursos visuais e pedagógicos para ajudar e integrar essa criança na escola.

Uma das contribuições da Política Nacional de Educação Especial visando a melhoria e orientação das redes de ensino é o Atendimento Educacional Especializado - AEE, que visa modificar e atender as exigências de uma educação igual para todos. Refere-se a um professor especializado nesse tipo de atendimento que identifica a necessidade de cada um, cria e articula um plano de ensino dentro do ensino comum, provendo recursos para esses alunos, adaptando as situações, trazendo para o seu cotidiano não só na parte pedagógica, mas também preparando para a sociedade. (MANTOAN, 2009, p.98)

Assim, o AEE visa atender crianças as quais possuem algum tipo de transtorno que afete o seu desenvolvimento, e proporcione uma educação igualitária para todos, independentemente da condição apresentada por elas. Então a colaboração de um professor itinerante que trabalhe apenas com essa criança é fundamental, pois esse educador pode acompanhar de perto o progresso na aprendizagem dos autistas, e também na interação com a sociedade.

Sabe-se que o autista é muito recluso, então cabe aos professores disponibilizarem metodologias as quais venham a somar no processo de ensino aprendizagem dessas crianças, pois a maneira que elas aprendem é de forma lenta e gradativa, e os recursos pedagógicos serão essenciais para que possa ocorrer progresso tanto na aprendizagem quanto na inserção das pessoas com TEA na sociedade.

3.4.1 O que dizem os pais

Os pais são importantes no desenvolvimento da criança autista, então a participação dos mesmos é essencial para que ocorra progressos em relação ao aprendizado dos filhos. Dessa forma, para iniciar a investigação com os pais, questionou-se para os mesmos como foi que eles descobriram que o filho era autista.

Quadro 7: Quando e como você descobriu que o seu filho era autista? **Fonte:** Pais de aluno autista da EMEF São Tomé, em Itaituba- Pará/2020

PAIS	RESPOSTAS
MÃE	Eu descobri que meu filho era autista com dois anos e meio, mas desde o início a gente já achava que ele tinha alguma coisa errada. Desde os seis meses foi percebido isso. Porque ele tinha o tronco mole e o pescoço. Com um ano ele ainda não andava e com dois anos ainda não falava. Desconfiamos quando minha filha Carla chegou falando de uma criança autista que era filho de uma amiga dela. Quando meu filho começou a andar era na pontinha dos pés, e quando levamos ele na pediatra ela disse que era apenas atraso de desenvolvimento normal para uma criança da idade dele, e que cada criança possuía seu tempo. Mas com indicação de outras pessoas, levei meu filho para um neurologista e a partir daí começou o acompanhamento dele. Mas até hoje não é um diagnóstico físico, apesar de estar comprovado que é autismo.
PAI	A partir de um ano, quando ele não andava, a gente começou a desconfiar, porque ele ficava só rodando, brincando de rodar, ou com objetos com roda, ele parava debaixo do ventilador de teto e ficava rodando em baixo dele, junto com o ventilador. Ele demorou a falar, se alterava fácil, não dormia direito, enquanto a gente tentava dormir ele ficava acordado pela casa, e não comia todos os tipos de comida, porque ele cuspiu as que não queria.

De acordo como os entrevistados descobriram sobre o filho que possuía autismo, os mesmos responderam que desconfiavam que a criança possuía algum tipo de peculiaridade, apesar de não saber ao certo qual, mas que achavam estranho a forma que o filho se comportava, e que o mesmo demorou a ter algum tipo de desenvolvimento como andar e falar, e quando levaram a criança em um especialista, não tiveram uma resposta as suas dúvidas, apesar disso continuaram a observar o filho até terem uma ideia de que a criança poderia ser autista.

A forma de identificar se uma pessoa possui autismo é por meio da observação, sempre estar atento aos tipos de comportamentos apresentados por quem está sendo observado e comparar se as características coincidem com as do autista e a partir disso procurar por especialistas na área que possam confirmar o diagnóstico. A seguir, a questão a respeito ao acompanhamento escolar da criança.

Quadro 8: Você acompanha seu filho na educação escolar? Justifique sua resposta.

Fonte: Pais de aluno autista da EMEF São Tomé, em Itaituba- Pará/2020

PAIS	RESPOSTAS
MÃE	Sim, na escola e desenvolveu a fala que até os cinco anos ele não falava, e a escola juntamente com a fonoaudióloga ajudaram, ele também gosta muito de ir para a escola, todo dia quando está perto do horário de aula ele começa a chorar para se arrumar, e ele melhorou também na socialização.
PAI	Sim, apesar de não estar sempre com ele, porque trabalho em outra cidade, a mãe dele sempre me repassa tudo o que acontece com meu filho.

De acordo com os pais, eles acompanham o filho na educação escolar, apesar da mãe ser mais presente, a mesma relata que a criança desenvolveu melhor a fala depois que passou a frequentar as aulas, e a interação com outras pessoas da mesma faixa etária também contribuiu para que houvesse essa melhor adaptação.

O acompanhamento dos pais é essencial no processo de aprendizagem das crianças, pois assim eles estão sempre em contato com os professores e sabem quais dificuldades seu filho apresenta, e a partir disso juntamente ao professor, eles podem procurar soluções para que haja aprendizado de forma positiva.

Assim, a participação dos pais juntamente aos professores torna o processo de ensino aprendizagem da criança mais eficaz, pois ela será melhor assistida, e conseqüentemente o desenvolvimento desse aluno irá melhorar. Por conseguinte, a pergunta sobre o comportamento da criança em casa.

Quadro 9: Como é o comportamento dele em casa? **Fonte:** Pais de aluno autista da EMEF São Tomé, em Itaituba- Pará/2020

PAIS	RESPOSTAS
MÃE	Ele é inquieto, não para um segundo, toda hora correndo pela casa, ele só fica quieto quando está no celular ou dormindo, quer ficar banhando direto e chora quando não deixam ele fazer o que quer, e não deixa ninguém quieto, é difícil olhar alguém diretamente.
PAI	Mais alterado do que o de uma criança normal e nervosa, mas para mim a diferença dele para uma criança normal é pouco, porque a gente vai se acostumando e ele acaba se tornando normal para nós.

De acordo com que os pais relataram durante a entrevista o comportamento do filho é um pouco mais diferenciado do que o de uma criança considerada normal, pois para eles o menino é inquieto, demonstra um comportamento mais alterado, principalmente quando está em casa, e também não gosta muito de ficar em contato direto com outras pessoas.

[...] permanece em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que a cerca no mundo externo. Outro motivo para o autista permanecer em seu universo interior é o fato de que, em geral, o autista sente dificuldade em se relacionar e em se comunicar com outras pessoas uma vez que ele não usa a fala como meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ela e que não se interage fora dele (PRAÇA, 2011, p. 25).

O autor ressalta que esse comportamento é comum para os autistas, pois eles geralmente evitam contato direto com outras pessoas, e por isso que eles são considerados antissociais, porque eles não gostam de muito tumulto ou barulho, e preferem ficar mais isolado dos demais para evitar que isso os atrapalhem.

Sabe-se que a mente do autista funciona de maneira diferente, por isso que quanto mais comodidade ele estiver, melhor ele irá refletir isso no seu comportamento, pois os autistas por si só, já são mais agitados e inquietos, dessa forma, é essencial que eles fiquem longe de ambientes com muitas pessoas, para que não ocorra nenhum transtorno para o indivíduo com TEA.

Cada autista é único, e a forma que eles irão se comportar em casa é refletida a partir do grau de comprometimento que ele possui, pois quanto mais leve o transtorno estiver em seu diagnóstico, mais sociável e comportado essa criança será em casa, mas cabe aos pais acompanharem o filho e estarem sempre presentes na rotina dessa criança. Prosseguindo, a pergunta a respeito do desenvolvimento educacional da criança.

Quadro 10: Você percebe o desenvolvimento educacional de seu filho? Como? **Fonte:** Pais de aluno autista da EMEF São Tomé, em Itaituba- Pará/2020

PAIS	RESPOSTAS
MÃE	Sim, ele não gostava de ficar perto de outras crianças, apesar dele não gostar muito de contato, agora ele deixa outras crianças se aproximarem, e tem algumas coisas que em casa ele não come e na escola sim, e que ele gosta muito de ir para a escola.
PAI	Sim, percebo e muito, ele aprende que só. Ele sabe contar de uma até vinte, cantar as musiquinhas que ele aprende na escola, e também as que ele aprende no celular.

De acordo com o que foi perguntado aos pais durante a entrevista a respeito do desenvolvimento educacional do filho, os mesmos responderam que conseguiram ver uma diferença depois que ele passou a frequentar a escola, pois a criança já consegue interagir da maneira dele com outros, e também aprendeu a contar, e na escola durante o lanche que é oferecido pela instituição o menino come algumas coisas que em casa ele não quer.

Quando a família participa das atividades oferecidas pela escola, e acompanha no desenvolvimento do seu filho, automaticamente eles irão perceber algum avanço na aprendizagem da criança, mesmo que seja de forma mais lenta e a partir de pequenas coisas.

3.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

A partir da pesquisa sobre as dificuldades de aprendizagem de uma criança autista, foi observado a dificuldade que os professores possuem quando recebem uma criança que possui algum tipo de transtorno de desenvolvimento como o autismo. Assim, a pesquisa veio para ajudar com algumas propostas que auxiliem os profissionais quando receberem uma criança com TEA em sala de aula, tais como:

- Compreender desafios para o atendimento ao aluno com autismo.
- Identificar o aluno com autismo em sala de aula.
- Verificar metodologias para a inserção do aluno autista para o AEE.

Assim, a pesquisa procura discutir os desafios dessas crianças no decorrer do processo ensino aprendizagem, uma vez que os professores e familiares são elementos fundamentais no desenvolvimento da criança e em alguns casos, a presença de um fonoaudiólogo e de um psicólogo é essencial para o desenvolvimento e intervenção comportamental.

Diante das propostas oferecidas, os professores que trabalham com crianças autistas, tem a oportunidade de melhorar cada vez mais a forma de trabalhar com esses alunos para que eles possam adquirir mais liberdade e conhecimento, e o profissional da educação possa estar sempre atualizado sobre o assunto.

CONCLUSÃO

Os objetivos da presente pesquisa foram alcançados na medida em que por meio desta, pôde-se perceber a importância de conhecer um pouco mais sobre o autismo, mostrando os principais pontos sobre o assunto, assim como as formas de diagnóstico, tratamento, principais características e como trabalhar com essas crianças em sala de aula.

A temática sobre o autismo é um conteúdo que no decorrer da graduação foi possível ter um pouco mais de contato acerca da teoria, estudando sobre o tema por meio de alguns autores renomados que relatam sobre o autismo, uma vez que esse é um assunto que está cada vez mais em evidência, e dessa forma é importante sempre está atualizado.

Dessa forma, por meio de pesquisas, estudos e leituras realizadas para a elaboração deste trabalho, foi possível acesso a autores renomados que descreviam desde a história de como foi descoberto o autismo, as formas de identificar uma pessoa que possui essa síndrome, as características que os indivíduos os quais apresentam o TEA possuem, assim como o diagnóstico e tratamento.

Sabe-se que o conhecimento sobre o tema é importante para os profissionais da educação, para que os mesmos possam conhecer melhor o autista, e quando necessário identificá-los, para que na sala de aula, possa ser trabalhado com essas crianças de forma igualitária, por meio de metodologias elaboradas pelo educador.

Assim, é essencial que haja esse conhecimento por parte do professor, para que não ocorra nenhum transtorno que possa afetar tanto ele quanto os alunos que possuem o TEA, e que o aprendizado aconteça de forma positiva, mesmo que ocorra de forma lenta e gradativa, como é comum das pessoas autistas.

As formações oferecidas pela SEMED - Secretaria Municipal de Educação também é uma forma que os professores possuem para aprender novas metodologias que serão usadas em sala de aula para auxiliar os alunos com autismo no processo ensino aprendizagem.

Sabe-se que a participação dos pais na escola é fundamental para o desenvolvimento de quaisquer crianças, então quanto mais ativa as famílias forem na participação de atividades realizada nas escolas, melhor será para os filhos, porque as instituições sempre fazem programações que abranjam todas as pessoas envolvidas na comunidade escolar.

Então, o ideal é que a partir dos eventos realizados nas escolas, as famílias possam aproveitar esses momentos para interagirem juntamente aos filhos e professores, porque como o autista possui dificuldades de interação, deve-se aproveitar esses momentos para inserir esse aluno nas programações, e com a participação dos pais e educadores que acompanham o autista, poderá facilitar a integração dessa criança.

Dessa forma, o trabalho em equipe é primordial para que haja a interação do aluno com autismo, pois não há ninguém melhor para fazer essa ponte, do que aqueles que estão acompanhando essa criança diariamente, como os pais e os professores, uma vez que os mesmos fazem parte do cotidiano da criança autista.

REFERÊNCIAS

ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. **O que todo professor precisa saber sobre neurologia**. São José dos Campos: Pulso, 2005.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos Esplanada dos Ministérios**, Bloco G, Edifício Sede, 8º andar. Disponível

em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://conitec.gov.br/images/Relatorios/2016/Relatorio_RisperidonaAmpliacao_final.pdf&ved=2ahUKEwjS_Y6tdzmAhVgH7kGHdB7C0cQFjAKegQIARAC&usg=AOvVaw1nDm__NhLVwzN8Yh0svB6p&csid=1577676263452. Acesso em: 30 de dez. 2019, 00h28min.

CID-10 – **Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas** – Organização Mundial da Saúde, trad. Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CHIOTE, F. A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

CROCHIK, José Leon. **Atitudes de professores em relação à educação inclusiva**. *Revista Psicologia, Ciência e profissão*, 29,1 p. 40-59, 2009.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

CUNHA, EUGÊNIO. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

FELICIO, V. C. **O autismo e o professor: um saber que pode ajudar**. Bauru, 2007.

FERREIRA, Joana Cristina Paulino. **Estudo exploratório da qualidade de vida de cuidadores de pessoas com perturbação do espectro do autismo**. Porto, 2009. Dissertação (Monografia em Educação Física); Faculdade de Desporto; Universidade do Porto, 2009.

LAZNIK, Marie-Christine. A voz da sereia: **O autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador: Ágalma, 2004.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petropolis, RJ: Vozes, 2009

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático** / Ana Maria S. Ros de Mello; colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. 6.ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MONTE, F. R. F. do; SANTOS, I. B. dos. (COORD.). **Saberes e práticas da inclusão- Dificuldades acentuadas de inclusão: Autismo**. Brasília, MEC, SEESP,

2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educacao%20infantil%203.pdf>>. Acesso em: 09 Jan. 2020, 13h55min.

NOGUEIRA, Tânia. **Um novo olhar sobre o mundo oculto do autismo**. Revista **Época**. São paulo: Editora Globo, nº 473, p. 76-85. Junho, 2007.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Os Professores e Sua Formação**. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NUNES, Daniella Carla Santos. **O pedagogo na educação da criança autista**. Publicado em 07 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/4113/1/O-Pedagogo-Na-Educacao-Da-Crianca-Autista/pagina1.html>. Acesso em: 09 Jan. 2020, 23h45min.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ORRÚ, S. E. **A Formação de Professores e a Educação de Autistas**. Revista Iberoamericana de Educación (Online), Espanha, v. 31, p. 01-15, 2003.

PAULON, S. M.; FREITAS, L. B. de L.; PINHO, G. S. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: MEC, SEESP, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaedeinclusao.pdf>>. Acesso em: 09 Jan. 2020, 14h30min.

PASSERINO, Liliana Maria. **Comunicação alternativa, autismo e tecnologia: estudos de caso a partir do Scala**. In: MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO

PETERSEN, C. S; WAINER, R. **Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PRAÇA, E. T. P. de. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de ciências exatas. Pós-Graduação em Educação Matemática, Juiz de Fora, 2011. Disponível em:<www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Dissertação-Elida.pdf>. Acesso em: 24 Fev. 2020, 00h25min.

ROTTA, N. T. **Transtorno de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto alegre: Artmed, 2007

SANTOS, A. M. T. dos. **Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios de Aprendizagem). Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>. Acesso em: 09 Jan. 2020, 13h30min.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Micheline. MULICK, James A. **Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas**. Psicologia ciência e profissão, 2009, 29 (1), 116 – 131. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n1/v29n1a10.pdf>>. Acesso em: 16 de nov. 2019, 23h57min

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do Autismo – Social, Cognitivo, Linguístico, Sensóriomotor e Perspectivas Biológicas**. São Paulo: M. Books, 2015.

APÊNDICES



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC N°. 2560 DE 15/09/03

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado
“O autismo e suas consequências para o ensino aprendizagem: estudo de caso em
uma escola pública de Itaituba- Pará”.

Questionários para os professores

- *Sexo: _____ *Idade: _____
*Graduação: _____
*Pós-graduação: _____
* Professor (a) do AEE: Sim () Não ()
*Tempo de trabalho nesta escola: _____
* Já trabalhou em outra escola? _____

1. Defina deficiências em ambientes escolares.

2. Fale sobre o autismo.

3. Quais são os principais desafios dos professores com um aluno autista em sala de aula?

4. Já trabalhou com autista em sala de aula? Fale sobre essa experiência.

5. Qual é o perfil do aluno autista no contexto escolar?

6. Quais metodologias trabalhadas são utilizadas para facilitar a inserção deste aluno com essa NEE?

Obrigada!



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC N°. 2560 DE 15/09/03

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado
“O autismo e suas consequências para o ensino aprendizagem: estudo de caso em
uma escola pública de Itaituba- Pará”.

Questionário para os pais ou responsáveis

*Sexo: _____ *Idade: _____.

*Escolaridade: _____.

* Profissão: _____

1. Quando e como você descobriu que seu filho é autista?

2. Você acompanha seu filho na educação escolar? Justifique sua resposta.

3. Como é o comportamento dele em casa?

4. Você percebe o desenvolvimento educacional de seu filho? Como?

Obrigada!